

História

A Imprensa:
a História em cima da hora

Organizadoras e elaboradoras
Kátia Maria Abud
Raquel Glezer

5
módulo

Nome do Aluno _____

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador: *Geraldo Alckmin*

Secretaria de Estado da Educação de São Paulo

Secretário: *Gabriel Benedito Issac Chalita*

Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP

Coordenadora: *Sônia Maria Silva*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: *Adolpho José Melfi*

Pró-Reitora de Graduação

Sônia Teresinha de Sousa Penin

Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária

Adilson Avansi Abreu

FUNDAÇÃO DE APOIO À FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAFE

Presidente do Conselho Curador: *Selma Garrido Pimenta*

Diretoria Administrativa: *Anna Maria Pessoa de Carvalho*

Diretoria Financeira: *Sílvia Luzia Frateschi Trivelato*

PROGRAMA PRÓ-UNIVERSITÁRIO

Coordenadora Geral: *Eleny Mitrulis*

Vice-coordenadora Geral: *Sônia Maria Vanzella Castellar*

Coordenadora Pedagógica: *Helena Coharik Chamlian*

Coordenadores de Área

Biologia:

Paulo Takeo Sano – Lyria Mori

Física:

Maurício Pietrocola – Nobuko Ueta

Geografia:

Sônia Maria Vanzella Castellar – Elvio Rodrigues Martins

História:

Kátia Maria Abud – Raquel Glezer

Língua Inglesa:

Anna Maria Carmagnani – Walkyria Monte Mór

Língua Portuguesa:

Maria Lúcia Victório de Oliveira Andrade – Neide Luzia de Rezende – Valdir Heitor Barzotto

Matemática:

Antônio Carlos Brolezzi – Elvia Mureb Sallum – Martha S. Monteiro

Química:

Maria Eunice Ribeiro Marcondes – Marcelo Giordan

Produção Editorial

Dreampix Comunicação

Revisão, diagramação, capa e projeto gráfico: *André Jun Nishizawa, Eduardo Higa Sokei, José Muniz Jr. Mariana Pimenta Coan, Mario Guimarães Mucida e Wagner Shimabukuro*

***Cartas ao
Aluno***

Carta da

Pró-Reitoria de Graduação

Caro aluno,

Com muita alegria, a Universidade de São Paulo, por meio de seus estudantes e de seus professores, participa dessa parceria com a Secretaria de Estado da Educação, oferecendo a você o que temos de melhor: conhecimento.

Conhecimento é a chave para o desenvolvimento das pessoas e das nações e freqüentar o ensino superior é a maneira mais efetiva de ampliar conhecimentos de forma sistemática e de se preparar para uma profissão.

Ingressar numa universidade de reconhecida qualidade e gratuita é o desejo de tantos jovens como você. Por isso, a USP, assim como outras universidades públicas, possui um vestibular tão concorrido. Para enfrentar tal concorrência, muitos alunos do ensino médio, inclusive os que estudam em escolas particulares de reconhecida qualidade, fazem cursinhos preparatórios, em geral de alto custo e inacessíveis à maioria dos alunos da escola pública.

O presente programa oferece a você a possibilidade de se preparar para enfrentar com melhores condições um vestibular, retomando aspectos fundamentais da programação do ensino médio. Espera-se, também, que essa revisão, orientada por objetivos educacionais, o auxilie a perceber com clareza o desenvolvimento pessoal que adquiriu ao longo da educação básica. Tomar posse da própria formação certamente lhe dará a segurança necessária para enfrentar qualquer situação de vida e de trabalho.

Enfrente com garra esse programa. Os próximos meses, até os exames em novembro, exigirão de sua parte muita disciplina e estudo diário. Os monitores e os professores da USP, em parceria com os professores de sua escola, estão se dedicando muito para ajudá-lo nessa travessia.

Em nome da comunidade USP, desejo-lhe, meu caro aluno, disposição e vigor para o presente desafio.

Sonia Teresinha de Sousa Penin.

Pró-Reitora de Graduação.

Carta da

Secretaria de Estado da Educação

Caro aluno,

Com a efetiva expansão e a crescente melhoria do ensino médio estadual, os desafios vivenciados por todos os jovens matriculados nas escolas da rede estadual de ensino, no momento de ingressar nas universidades públicas, vêm se inserindo, ao longo dos anos, num contexto aparentemente contraditório.

Se de um lado nota-se um gradual aumento no percentual dos jovens aprovados nos exames vestibulares da Fuvest — o que, indubitavelmente, comprova a qualidade dos estudos públicos oferecidos —, de outro mostra quão desiguais têm sido as condições apresentadas pelos alunos ao concluírem a última etapa da educação básica.

Diante dessa realidade, e com o objetivo de assegurar a esses alunos o patamar de formação básica necessário ao restabelecimento da igualdade de direitos demandados pela continuidade de estudos em nível superior, a Secretaria de Estado da Educação assumiu, em 2004, o compromisso de abrir, no programa denominado Pró-Universitário, 5.000 vagas para alunos matriculados na terceira série do curso regular do ensino médio. É uma proposta de trabalho que busca ampliar e diversificar as oportunidades de aprendizagem de novos conhecimentos e conteúdos de modo a instrumentalizar o aluno para uma efetiva inserção no mundo acadêmico. Tal proposta pedagógica buscará contemplar as diferentes disciplinas do currículo do ensino médio mediante material didático especialmente construído para esse fim.

O Programa não só quer encorajar você, aluno da escola pública, a participar do exame seletivo de ingresso no ensino público superior, como espera se constituir em um efetivo canal interativo entre a escola de ensino médio e a universidade. Num processo de contribuições mútuas, rico e diversificado em subsídios, essa parceria poderá, no caso da estadual paulista, contribuir para o aperfeiçoamento de seu currículo, organização e formação de docentes.

Prof. Sonia Maria Silva

Coordenadora da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas

Apresentação da área

Fazer a História

Durante sua vida escolar, você já estudou História em várias séries. Então, você sabe que essa disciplina estuda as ações humanas ocorridas no tempo, em diferentes lugares.

Também você já percebeu que existem muitas referências a fatos históricos e momentos significativos em diversas formas de comunicação, como séries de televisão, filmes, músicas, propagandas, livros, roupas etc.

Isto é uma característica da sociedade ocidental – ter o passado como parte formativa e informativa de sua cultura, para que qualquer pessoa que nela viva, em qualquer lugar, possa se localizar no tempo, entender as referências e compreender o momento em que vive.

Você deve ter observado que o programa de História solicitado para os exames vestibulares é longo – das origens dos seres humanos até os dias atuais. Nos seis módulos em que a disciplina História vai se apresentar, não há a intenção de percorrer todos momentos históricos, nem a de seguir uma sequência no tempo. A intenção é de mostrar como o mundo que nos cerca contém referências históricas e como que estas podem ser lidas e entendidas, por meio da exploração de fontes históricas.

Compreender como a nossa sociedade vê a História é importante, porque estamos em uma sociedade histórica, que constantemente se interroga sobre seu passado.

Vamos procurar mostrar como o historiador trabalha com o material que seleciona para sua pesquisa, o tipo de conhecimento que resulta dessa pesquisa e como você pode fazer alguns exercícios que permitem o entendimento dos textos e das afirmações sobre os momentos históricos.

Incluimos indicações de alguns filmes, livros e sítios na internet, para complementação dos itens desenvolvidos, para que você perceba como a História é parte fundamental da cultura na sociedade ocidental, da qual a sociedade brasileira faz parte e na qual todos nós estamos mergulhados.

Apresentação do módulo

Nos textos que compõem este módulo, procuramos estudar a importância que os meios de comunicação escrita têm na construção do conhecimento histórico. Essa importância se deve ao fato que, ao mesmo tempo que informam, formam opiniões e contribuem para a elaboração da visão de mundo de seus leitores.

Para compreender melhor a leitura do que chamamos de imprensa periódica (jornais e revistas que são publicados com periodicidade determinada), selecionamos conteúdos históricos que ajudam a compreensão das principais manchetes dos jornais e matérias de capa das revistas. Por isso, neste módulo que agora vai começar a estudar, você tomará contato com informações sobre algumas regiões mundiais que atraem nossos olhares na nossa vida cotidiana, como:

- algum dos conflitos que assolam o Oriente Médio, localizados no Irã e no Iraque;
- o Islamismo, religião sobre a qual se assentam alguns dos principais elementos desses conflitos;
- o terrorismo, problema mundial que transforma todo o mundo em zona de insegurança;
- a Revolução Francesa, acontecimento histórico em que surgiu o termo *terror*, como atividade política,
- a Primeira Guerra Mundial, marco de transformações no continente euro-asiático,

Para melhor desenvolver o trabalho, os documentos utilizados foram retirados de veículos de informação impressos e da Internet, cuja importância atual para a informação é tão ou mais relevante que a do jornalismo tradicional.

Você deve lembrar que este módulo, tal como os anteriores, não esgota todos os temas sugeridos e que, por isso, é necessário recorrer sempre a outras leituras que o completem.

Unidade 1

O mundo de ponta-cabeça: as notícias fazem a História

INTRODUÇÃO

Uma das mais marcantes características dos seres humanos é a capacidade de se comunicar, imprescindível para uma espécie – como a humana – que tem como atributo a vida social. A comunicação à distância fez com que surgissem diversos meios de comunicação, mesmo em sociedades nas quais a tecnologia é rudimentar. Os círculos de fumaça de indígenas da América do Norte, o soar dos tambores de algumas sociedades africanas, as cartas e correspondências das sociedades letradas foram formas que os homens criaram para se comunicar e passar notícias para os que estavam em outros lugares. Nem sempre estas formas dependiam da escrita, como também não dependiam dela as notícias curtas, que podiam ser transmitidas oralmente. É conhecida a história do soldado ateniense Filipides, que foi encarregado pelo seu chefe militar de transmitir aos moradores de Atenas notícia da vitória que seus soldados tinham conseguido sobre o exército persa (veja Box). O soldado correu o mais rápido que pôde da Planície de Maratona até Atenas. Ao chegar, deu a notícia e morreu em seguida devido ao esforço. Em sua homenagem, foi criada a modalidade da Maratona nos Jogos Olímpicos.

Costuma-se afirmar que hoje somos “bombardeados” por informações que chegam por meio de muitos veículos: rádio, televisão, internet, jornais, revistas, panfletos... As novas tecnologias de comunicação permitem que tenhamos todas as informações em tempo real: assistimos a jogos olímpicos, partidas de futebol, acompanhamos resultados de eleições, a entrega de prêmios (como o Oscar) e também chegam até nós as grandes tragédias que invadem a vida cotidiana. A rapidez com que recebemos informações é resultado do desenvolvimento tecnológico, que teve na invenção da imprensa, no século XV, seu impulso inicial.

Atividade:

Leve para a aula de História um periódico (jornal ou revista) ao qual você tem acesso.

1. Descreva-o: tamanho, formato, número de páginas, número de cadernos.

Organizadoras

Kátia Maria Abud

Raquel Glezer

Elaboradoras

Kátia Maria Abud

Raquel Glezer

GUERRAS GRECO-PÉRSICAS OU GUERRAS MÉDICAS

Tiveram origem no domínio persa sobre as cidades jônias da Ásia Menor, a partir de 546 a.C. Em 500 a.C. as cidades jônias se rebelaram, sendo derrotadas em 494 a.C. A partir de 492 a.C. os medo-persas ocuparam a Trácia e a Macedônia, desencadeando a Segunda Guerra Médica. Em 480 a.C. o exército persa comandado por Xerxes avançou sobre a Tessália, Eubéia, Beócia e Ática, ao mesmo tempo que os cartagineses atacaram os gregos na Sicília. Teve início a Segunda Guerra Médica, que se estendeu até 479 a.C. Os medo-persas ocuparam a Beócia e a Ática e saquearam Atenas. Mas os gregos venceram as batalhas de Salamina, Platéia e Micala, o que levou os persas a desistirem da conquista da Grécia, entrando logo depois em decadência.

HISTÓRIA

2. Em qual data e cidade foi publicado? Quem o publicou? Com que finalidade?

3. A que tipo de público se destina?

4. Qual a principal manchete (se for revista, qual a matéria de capa)?

5. Reescreva as informações com as suas próprias palavras.

6. Em quantos cadernos e seções se divide o periódico que está lendo? Quais são?

7. Quais os profissionais que atuam na sua produção?

8. Você costuma ler o periódico que levou para a sala de aula? Qual o caderno ou a seção que prefere? Por quê?

Você pode observar que as matérias jornalísticas abrangem diversos assuntos: política, economia, artes, lazer etc.

Leia agora as matérias transcritas abaixo:

ESPELHO INVERTIDO

O "Guia do Segundo Turno do Brasileirão 2004", editado pela revista "Placar", traz uma relação impressionante: a dos 112 jogadores que deixaram seus clubes no decorrer do atual campeonato. Dava para formar dez times com eles. A grande maioria foi para equipes do exterior.

Sempre lamentamos, com razão, essa debandada dos melhores futebolistas do país. Mas é possível ver a questão pelo ângulo reverso: como seria bom que profissionais brasileiros de outras categorias (engenheiros, cineastas, metalúrgicos, técnicos em eletrônica e um extenso etc.) fossem disputados no exterior a peso de ouro, ou melhor, de euro.

O êxito do futebolista brasileiro lança uma luz incômoda sobre nosso fracasso em quase todas as outras áreas, com poucas exceções (uma delas é a música, em que o talento nacional é muito valorizado).

Virou lugar-comum dizer que o futebol brasileiro é um espelho do país. Só que, nesse caso específico, é um espelho invertido.

José Geraldo Couto, colunista da Folha de S. Paulo, em 04 set. 2004. extraído do site www.folhaonline.com.br



O jogador brasileiro Adriano, que joga no Internazionale de Milão (Fonte: O Estado de S.Paulo, 23/9/04)

KAKÁ CONFIRMA BRASILEIROS "LONGO PRAZO"

Nada de sentir falta de feijão e querer voltar para casa. Os principais astros do futebol brasileiro querem agora contratos de longo prazo no futebol europeu.

O último a aderir a essa onda foi o meia-atacante Kaká, que anunciou nesta quinta-feira uma extensão de seu contrato com o Milan. O ex-são-paulino fica agora no clube italiano até 2009 – o compromisso anterior vencia em 2007. Dessa forma, ele se junta a outros dos preferidos do treinador Carlos Alberto Parreira que negociaram vínculos de longa duração nos últimos meses.

Ronaldinho está preso ao Barcelona até 2008. O time catalão também acertou com Edmilson e Belletti por quatro temporadas. O lateral Roberto Carlos assinou um novo contrato com o Real Madrid até 2007, com a possibilidade de renovação automática por mais uma temporada. Ronaldo é outro que acertou uma extensão contratual – fica assim no Real Madrid até 2008. Depois de um tempo no Parma, Adriano foi resgatado pela Inter de Milão e também acertou para permanecer por lá até 2008.

Até quem serve à seleção e ainda está no Brasil negociou um contrato de longa duração. Robinho aumentou a vigência de seu compromisso com o Santos, que agora acaba em 2008. Com esse cenário, fica mantido o quebra-cabeça atual que é a liberação dos atletas brasileiros para a seleção pelos clubes europeus.

Ficando no Milan até 2009, Kaká será um problema para os treinadores do time nacional até parte das eliminatórias para o Mundial de 2010. O clube italiano é hoje o que mais dificulta a liberação de atletas para Parreira. O novo contrato entre Kaká e Milan só muda na remuneração e no prazo, não incluindo cláusulas para facilitar sua liberação.

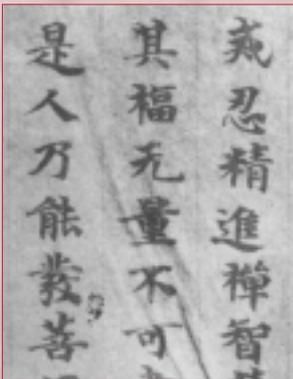
(continua)

BREVIDADE

Com várias temporadas no mesmo clube, os astros brasileiros da atualidade diferem do que aconteceu com estrelas do passado em aventuras européias.

Zico ficou por menos de duas temporadas na Udinese (ITA). Sócrates não ficou nem isso na Fiorentina. Depois de passar pela Holanda, Romário foi com status de estrela maior para o Barcelona, mas preferiu voltar para o Rio de Janeiro depois de menos de dois anos no clube catalão, que agora acerta com brasileiros sem medo de perder esses jogadores após poucos meses de trabalho.

Paulo Cobos, *Folha de S. Paulo*, 17 set. 2004, extraído do site <http://www.folha.uol.com.br>



Analise a foto e os textos acima e explique, com suas palavras, qual o assunto e a relação entre eles.

As sociedades que desenvolveram formas de escrita perceberam que os materiais que formavam a base de suas mensagens poderiam ser transportados para lugares distantes de onde tinham sido produzidos.

Mas não podemos esquecer que o registro escrito durante muitos séculos foi único e era difícil de reproduzir. Alguns dos materiais utilizados pelos povos mais antigos também não ajudavam a difusão dos escritos e a grande maioria da população não sabia ler. Durante o período conhecido como Idade Média (século V ao século XV), monges recolhidos em conventos copiavam os livros deixados pelos gregos e romanos, para que não desaparecessem.



Ilustração monge copista. (Fonte: Dorel-Ferré. *Histoire. Les activités d'éveil au Cours Moyen*. Paris: Armand Colin, 1981, p. 57)

O APARECIMENTO DA IMPRENSA

A idéia de melhorar a trabalhosa tarefa de copiar com um sistema de impressão baseado em um selo impresso ou gravado ou com um dispositivo do tipo de um rolo é muito antiga. Na China, imprimiram-se livros quase cinco séculos antes que na Europa, utilizando o sistema de xilogravura (blocos de madeira para cada página, para tingir o papel). A invenção da imprensa não foi repentina, mas fruto de uma série de inovações tecnológicas que desembocaram nela. Entre essas inovações, encontra-se o papel que havia sido inventado muitos séculos antes, no século III. O papel foi introduzido na Europa, no século VIII, pelos árabes. Somente no século XIII, quando o pergaminho (fino couro extraído do carneiro, usado como base para a escrita) começou a escassear, começou-se a produzir papel no continente europeu.

Ilustrações de escrita cuneiforme, egípcia e chinesa (Fontes: Dorel-Ferré. *Histoire. Les activités d'éveil au Cours Moyen*. Paris: Armand Colin, 1981, p. 15; M. Guidais et M. Pierre. *Milieux, hommes et civilisations*. Paris: Larousse, s.d., p. 72).

Em meados do século XIV, as mudanças ocorridas na Europa provocaram aumento da necessidade de leitura. As universidades tinham se desenvolvido e com elas cresceu o número de “editores-copistas”. Já não era somente o clérigo o interessado na leitura: também o comerciante, o notário, o estudante... A imprensa, como a conhecemos, surgiu por volta de 1450, quando Hans Gutenberg conseguiu juntar uns tipos móveis (letras) de metal fundido, que podiam ser alinhados para compor palavras e ser utilizados em uma prensa com tinta adequada. Gutenberg conseguiu resolver uma porção de problemas como:

- Problemas dos tipos móveis, primeiro experimentando com madeira e depois com uma mistura de chumbo, estanho e antimônio.
- Problemas de flexibilidade na impressão.
- Problemas de manchas produzidas pela tinta: descobriu uma mistura de fumo negro e azeite, que permitiu a impressão sem borrões.

Em 1450, Gutenberg realizou as primeiras impressões comerciais. Em 1456, imprimiu a “Bíblia Mazarina”, que é também conhecida como a Bíblia de Gutenberg.

A invenção da imprensa produziu mudanças no dia-a-dia:

- Trouxe uma maior precisão na reprodução da escrita, a possibilidade de lançar um grande número de exemplares e, desta forma, promoveu o acesso de um maior número de pessoas à leitura;
- Sacerdotes, dirigentes e copistas perderam o monopólio da leitura e da escrita;
- Mudança no formato dos livros;
- Alterou as formas de aprendizagem e as condições dos trabalhos científico, técnico e erudito;
- Separou a antiga arte da retórica (baseada na oralidade) do centro da educação acadêmica;
- A produção de dicionários fomentou a unificação das formas de linguagem, por meio das gramáticas;
- Fez surgir novas formas artísticas, como a narrativa e a novela;
- Contribuiu para a expansão da alfabetização.

A invenção da imprensa permitiu a divulgação de idéias e opiniões, que se traduziam em artigos e matérias que eram colocados ao acesso da maior parte da população letrada.

No Brasil, os primeiros periódicos surgiram no início do século XIX (veja o Box). Eram raros no princípio, mas a criação da Imprensa Régia e a introdução de rolos e linotipos, com a vinda da Família Real para o Brasil, fez com que aparecessem jornais, não somente no Rio de Janeiro, mas também nas províncias. Esses jornais, freqüentemente dirigidos por líderes políticos, eram um canal de formação de opinião e muitas vezes também de ofensas e acusações sem fundamento. O mais antigo jornal em funcionamento no Brasil é o *Diário de Pernambuco*, fundado em Recife, em 1825.

OS PRIMEIROS PERIÓDICOS

La Gazette de France (A Gazeta da França), editado em 1631 por T. Renaudot na imprensa real da França, por encomenda do cardeal Richelieu, foi o primeiro periódico regular da
(continua)

História. Era uma publicação a serviço da realeza francesa, em que eram omitidas as notícias sobre a realidade francesa mas se informava os acontecimentos da política internacional.

Considera-se o *Correio Braziliense* ou *Armazém Literário* o primeiro periódico do Brasil. Seu primeiro número foi publicado em 1º de junho de 1808. Embora fosse editado em Londres, era enviado clandestinamente para o Brasil e circulava no país antes mesmo do lançamento da *Gazeta do Rio de Janeiro*, que era impresso aqui e cujo primeiro número foi publicado em 10 de setembro de 1808. O editor do *Correio Braziliense* era um gaúcho da Colônia do Sacramento, Hipólito José da Costa, que tinha boas razões para produzir seu jornal na Europa: driblar a censura prévia a que a imprensa estava sujeita no Brasil e evitar, segundo suas palavras, “os perigos a que os redatores se exporiam, falando livremente das ações dos homens poderosos”.

Fazia sentido a sua preocupação. A linha do jornal era liberal, o que o tornava mais distante da *Gazeta do Rio de Janeiro*, espécie de diário oficial da Corte. A propósito do jornal editado na capital brasileira, Hipólito chegou a lamentar que se consumisse “tão boa qualidade de papel em imprimir tão ruim matéria”. Advogado e economista, refugiado em Londres depois de escapar dos cárceres da Inquisição em Lisboa (fora acusado de maçonaria), Hipólito da Costa não ficou imune aos humores de d. João VI, que proibiu a circulação do periódico no Brasil quando este começou a defender a independência. Segundo historiadores, foi lei que não pegou – encontrava-se o *Correio* em todo lugar.

Doutrinário e pesadão (tinha sempre mais de 100 páginas), o *Correio* foi publicado até dezembro de 1822. Com a independência, Hipólito decidiu encerrar sua carreira de jornalista, morrendo logo depois, em 1823.

OS CONFLITOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO: IRÃ E IRAQUE

O artigo reproduzido abaixo foi publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, de 20 de setembro de 2004, na página A20, no primeiro caderno, Internacional.

Leia com atenção, seguindo as etapas:

1. faça uma primeira leitura silenciosa;
2. assinale as palavras desconhecidas;
3. procure o significado das palavras desconhecidas no dicionário.

Leia novamente o texto e responda as questões:

4. Qual o assunto principal do texto?

-
5. Faça um resumo do texto em 5 linhas.
-
-
-
-
-

Os riscos de uma estratégia xiita

FAREED ZAKARIA
Newsweek

As tendências no Iraque parecem estar seguindo duas direções diferentes no momento. A guerra de guerrilha entre os EUA e os insurgentes continua, com crescentes embates e baixas. Mas o impasse com o líder xiita Muqtada al-Sadr em Najaf e Kufa acabou, e essas cidades não são mais controladas pelo Exército Mahdi. Os intratáveis problemas de segurança nas áreas sunitas e o sucesso nas áreas xiitas talvez conduzam o governo iraquiano (e Washington) na direção de uma “estratégia xiita” para o Iraque. Mas trilhar esse caminho tem seus perigos, pois isso intensificaria as divisões dentro do Iraque ao longo das linhas étnicas e religiosas. Isso poderia fazer os atuais problemas parecerem fáceis.

Após a criação do governo interino no Iraque, em junho, muitos esperaram que a insurgência diminuisse. Isso não aconteceu. E hoje ela parece mais organizada, entrincheirada e agressiva do que nunca. O Exército dos EUA não pode fazer uso de sua superioridade militar para tomar cidades sunitas das mãos dos guerrilheiros porque isso resultaria em pesadas baixas civis e fomentaria o antiamericanismo. O próprio governo iraquiano interino talvez não tenha a credibilidade necessária para assumir tal tarefa. O primeiro-ministro Iyad Allawi é um cara duro, mas evidentemente está consciente dos limites de sua legitimidade. E demorará mais um ano para que o Exército

iraquiano esteja à altura da tarefa. Nessas circunstâncias, fica difícil enxergar como a insurgência diminuirá sua força. Na semana passada, o embaixador do Iraque na ONU, Samir Shaker Sumaidaie, disse a *The Scotsman* que, a menos que EUA e Grã-Bretanha acrescentem uma “quantidade considerável” de soldados aos que já têm no Iraque, a insurgência poderá crescer.

Apesar de todo seu poder de recuperação, a insurgência não se espalhou pelo país e não parece que vá fazer isso. Seu apelo tem limites claros. Embora tenha atraído um certo respaldo por causa de seu caráter antiamericano, a insurgência é essencialmente um movimento sunita, alimentado pela raiva da comunidade que antes dominava o Iraque e agora teme o futuro. Não conta com o apoio de

xiitas nem de curdos. (O xiita radical Sadr tem tomado muito cuidado para não se alinhar muito intimamente com a insurgência com medo de perder seu apoio entre os xiitas.) É isso que ainda me faz acreditar que o Iraque não é o Vietnã. Lá, tanto os vietcongues como seus patrocinadores do norte apelavam a um amplo nacionalismo, compartilhado por grande parte do país.

Daf as tentações de uma “estratégia xiita”, Sob tal enfoque, a violência nas regiões sunitas seria vista como irremediável até que um Exército iraquiano pudesse entrar e estabelecer o controle.

Essa estratégia garantiria que a comunidade xiita, assim como os curdos, continuasse apoiando o governo de Allawi e as futuras eleições. Assim, se tentaria promover eleições em todos os lugares – mas, se não fosse possível realizar a votação nas áreas sunitas, ela ocorreria de qualquer forma nas outras partes. Isso isolaria o problema sunita e o relegaria para ser tratado quando o Exército iraquiano se tornasse disponível.

É mais fácil lidar com os xiitas. Eles apoiaram a invasão americana, que os livrou da tirania de Saddam Hussein. E também disciplinaram seus companheiros,

coibindo os desafios violentos de Sadr ao governo. Allawi e Washington lidaram bem com isso, tomando cuidado para não dinamitar seu caminho até o santuário do Imã

Ali em Najaf (uma guerra “sensível, alguém poderia dizer). Mas o fundamental foi o fato de que o aiatolá Ali Sistani, a imponente figura xiita, não quer que Al-Sadr atrapalhe as eleições (e, assim, o regime da maioria xiita).

Uma estratégia xiita é compreensiva, mas arriscada. Se os sunitas ficarem sem representantes, terão ainda menos incentivos para apoiar a nova ordem iraquiana. Hoje um significativo número de sunitas sente que não tem voz ativa e, por isso, apóia os guerrilheiros (as estimativas variam de 25% a 65%). Se forem deixados de fora do governo, to-

dos se sentirão sem representação. E ter um quinto da população (formado por pessoas instruídas e bem relacionadas) apoiando uma insurgência tornará extremamente difícil derrotá-la militarmente.

Allawi está tentando com afinco cooptar os líderes tribais e religiosos sunitas. Mas a estrutura da autoridade política sunita é fragmentada. Não há um líder sunita dominante, como o aiatolá Sistani. E os planos de Allawi de oferecer amnistia aos insurgentes foram derrubados pela objeção dos EUA ao perdão a qualquer um que tenha se envolvido na morte de americanos.

Até agora a única surpresa agradável no Iraque é que tem havido pouco derramamento de sangue decorrente de embates religiosos ou étnicos. Muitos dos especialistas que foram contra a invasão previam que, depois da queda de Saddam, os sunitas, xiitas e curdos se esfaçalhariam. Nada parecido tem acontecido. Os problemas – de resistência, nacionalismo e antiamericanismo – têm sido bem diferentes. Mas o equilíbrio é frágil. Se os EUA e o governo iraquiano adotarem uma estratégia sectária, as coisas poderão se complicar.

Em muitas de suas colônias, os britânicos geralmente favoreceram um único grupo como um meio de ganhar estabilidade. Quase sempre os resultados foram ruins – um rastro de guerra civil e derramamento de sangue. Se Allawi e os EUA cometerem o mesmo erro, haverá 140 mil soldados americanos no meio de tudo isso.

Se os sunitas ficarem fora do governo, será difícil derrotar os rebeldes

O Islã

O islamismo é a religião fundada pelo profeta Maomé no início do século VII, na região da Arábia. O Islã é o conjunto dos povos de civilização islâmica, que professam o islamismo; em resumo, é o mundo dos seguidores dessa religião. O muçulmano é o seguidor da fé islâmica, também chamado por alguns de islamita. O termo maometano às vezes é usado para se referir ao muçulmano, mas muitos rejeitam essa expressão – afinal, a religião seria de devoção a Deus, e não ao profeta Maomé. Em árabe, Islã significa “rendição” ou “submissão” e se refere à obrigação do muçulmano de seguir a vontade de Deus. O termo está ligado a outra palavra árabe, “salam”, que significa “paz” – o que reforça o caráter pacífico e tolerante da fé islâmica. O termo surgiu por obra do fundador do islamismo, o profeta Maomé, que dedicou a vida à tentativa de promover a paz em sua Arábia natal.

No início do século VII, a população da Arábia dividia-se em dois grupos principais: os árabes urbanos e os beduínos. Os primeiros viviam em cidades

como Yatrib e Meca, eram comerciantes e artífices. Algumas famílias que viviam nas cidades podiam ser consideradas ricas e muitos sabiam ler e escrever. A população beduína fragmentava-se em tribos e confederações rivais, abertas às influências estrangeiras. As tribos de beduínos viviam no deserto, quase sempre em guerra umas com as outras, utilizando-se do camelo como meio de transporte.

Não havia governo organizado: o clã (grandes famílias lideradas pelo homem mais velho) e a tribo cumpriam as funções do estado inexistente.

Em geral, os árabes eram politeístas, mas nas cidades já praticavam o monoteísmo, devido à convivência com judeus e com cristãos orientais.

Embora fosse de família pobre, Maomé, o fundador do islamismo, pertencia a uma das mais importantes tribos urbanas de Meca, onde nasceu por volta de 570. Órfão desde muito cedo, ele teve uma infância difícil. Ao atingir a juventude, passou a trabalhar comboiando as caravanas de camelos. Próximo aos quarenta anos, teve uma visão do Anjo Gabriel, na qual recebia a ordem de Deus para pregar uma nova religião, que se fundamentava na crença de um único deus. O islamismo é, pois, uma religião monoteísta e, assim como as duas outras grandes religiões monoteístas (o judaísmo e o cristianismo), suas raízes vêm do profeta Abraão. Maomé, fundador do islamismo, seria descendente do primeiro filho de Abraão, Ismael. Moisés e Jesus seriam descendentes do filho mais novo de Abraão, Isaac. Abraão, o patriarca do judaísmo, estabeleceu as bases do que hoje é a cidade de Meca e construiu a Caaba – todos os muçulmanos se voltam a ela quando realizam suas orações. Alá é simplesmente a palavra árabe para “Deus”. A aceitação de um Deus único é idêntica à de judeus e cristãos.

Os fundamentos do islamismo são:

- a existência de um só Deus;
- a prece repetida cinco vezes ao dia, com o fiel voltado na direção da cidade de Meca;
- o jejum de 29 ou 30 dias do Ramadã;
- a esmola aos pobres;
- a peregrinação a Meca, pelo menos uma vez na vida.

Uma minoria entre os cerca de 1,3 bilhão de praticantes da religião é adepta de interpretações radicais dos ensinamentos de Maomé. Entre eles, a violência contra outros povos e religiões é considerada uma forma de garantir a sobrevivência do Islã em seu estado puro. A base da religião muçulmana não determina qualquer tipo de discriminação grave contra a mulher. No entanto, as interpretações radicais das escrituras deram origem a casos brutais. A opressão contra a mulher é comum nos países que seguem com rigor a Sharia, a lei islâmica, e têm tradições contrárias à libertação da mulher. Assim, o problema da opressão à mulher muçulmana não é causado pela crença islâmica em si – ele surgiu em culturas que incorporaram tradições prejudiciais às mulheres. Um ótimo exemplo disso é o fato de que o uso de véus e a adoção de outros costumes que causam estranheza no Ocidente muitas vezes são mantidos por mulheres mesmo quando não há nenhuma obrigação. Ou seja: os hábitos estão integrados às culturas, não necessariamente à religião.

Nas suas pregações para criação de uma nova religião, Maomé se indispôs com os comerciantes de Meca, e o povo comum era indiferente à propagação

O calendário muçulmano

Os povos islâmicos iniciam a contagem dos anos a partir do ano 622 da era cristã. Isto significa que seu ano 1 é o ano 622 dos cristãos, que tem como marco da contagem o ano do nascimento de Cristo. O ano de 2004 das sociedades cristãs corresponde, assim, ao ano de 1382 das sociedades muçulmanas. Ao contrário do calendário gregoriano, que usamos e que se baseia no Sol, o calendário islâmico é lunar, dividido em doze meses de 29 ou 30 dias alternadamente, organizados em anos de 354 dias, com anos bissextos de 355 dias. Num ciclo de trinta dias são bissextos os anos 2, 5, 7, 10, 13, 16, 18, 21, 24, 26 e 29.

de seus ensinamentos. Para expandir a religião, procurou novo local e a cidade de Yatrib, que vivia em conflitos entre tribos rivais, foi a escolhida para sediar o profeta. Em 622, Maomé e seus seguidores partiram para Yatrib, que depois de conquistada por eles foi renomeada como Medina. Lá se deu a instalação do primeiro estado árabe. A migração é conhecida como Hégira e foi tão importante para a expansão do islamismo que o ano de 622 passou a ser o marco inicial do calendário islâmico.

Com a morte de Maomé em 632, iniciou-se uma longa luta pelo poder no estado islâmico. O islamismo estava dividido em seitas, as quais se mantêm até hoje: a sunita, a xiita e a sufita. A seita sunita e a xiita têm caráter religioso e político. Segundo os sunitas, os chefes de estado islâmico devem ser escolhidos por representantes de todo o Islã, de acordo com as antigas tradições das tribos árabes. Já os xiitas se opõem à existência de qualquer chefe que não seja aparentado com Maomé, quer pelo sangue, quer pelo casamento. Para eles, o Alcorão, o livro sagrado que registra a pregação de Maomé, é a única fonte de conhecimento.

“QUAL A DIFERENÇA ENTRE XIITAS E SUNITAS?”

Elsa Gentil Mendes Quarta-feira, 13 de Junho de 2001

Xiitas

“Os xiitas (em árabe shi’a) constituem uma das duas grandes seitas do Islão, criadas com o Cisma que dividiu os fiéis do profeta Maomé, após a sua morte. Literalmente, a palavra “xiitas” significa “partidários de Ali” – o genro do profeta Maomé, que estes muçulmanos acreditam ser o verdadeiro sucessor do Mensageiro de Alá.

Na história recente islâmica, os xiitas eram uma facção política que apoiava o poder de Ali Abu Talib (que se casou com Fátima, filha de Maomé), quarto e último califa eleito (governador civil e espiritual) da comunidade muçulmana. Ali tornou-se califa com o apoio, entre outros, dos assassinos do terceiro califa, Uthman, o que fez com que não tivesse obtido a obediência e fidelidade de todos os muçulmanos. Ali foi assassinado e, a partir daí, os xiitas empenharam-se na defesa da legitimidade religiosa e política dos seus descendentes.

Durante séculos, o movimento xiita teve uma influência decisiva sobre o Islã, apesar da sua posição minoritária. Em finais do século XX, existiam entre 60 e 80 milhões de xiitas, representando um décimo de todo o Islã. Com o tempo, os xiitas dividiram-se em várias seitas semelhantes (entre as quais os ismailitas). O desejo de que os descendentes de Ali se tornassem os líderes do mundo islâmico nunca foi realizado, já que os sunitas sempre foram mais numerosos e expressivos.

Países onde os xiitas são a fé majoritária: Irã (esmagadora maioria, com cerca de 90 por cento) e Bahrein (embora o poder esteja na mão dos sunitas). São uma minoria significativa no Iraque, Iêmen, Síria, Líbano, Arábia Saudita, Índia e Paquistão.

Sunitas

Grupo majoritário do Islã, que domina quase continuamente desde o ano 661 e representa cerca de 90 por cento dos fiéis. Os sunitas começaram por defender o califado de Abu Bakr, um dos primeiros convertidos ao Islã e discípulo de Maomé, contra Ali Abu Talib. Geralmente, aceitavam de boa vontade a liderança de qualquer califa ou dinastia de califas, desde que proporcionasse o exercício apropriado da religião e mantivesse a

(continua)

ordem no mundo muçulmano. Os sunitas afirmam representar a continuação do Islã tal como foi definido através das revelações de Maomé e da vida do profeta. O nome sunita vem de "suna" – palavras e ações do profeta Maomé. Muitos pensam que os sunitas representam a interpretação ortodoxa e correta do Islã, enquanto as outras fés se desviam desta interpretação. Existem algumas grandes e muitas pequenas diferenças entre sunitas e xiitas. Os dois ramos partilham apenas três doutrinas: a individualidade de Deus, a crença nas revelações de Maomé e a crença na ressurreição do profeta no Dia do Julgamento.

Os "hadith" (palavras e atos de Maomé e dos primeiros muçulmanos, usados como suplemento ao Corão, para compreensão do Islã) são diferentes para sunitas e xiitas, dando os primeiros grande importância à peregrinação a Meca, enquanto os segundos dão também muita importância a outras peregrinações.

Os xiitas usam geralmente o termo "imã" apenas quando se referem a Ali e aos seus descendentes, ao contrário dos sunitas. Os xiitas acreditam nos imãs que, como descendentes de Maomé e Ali, são vistos como seres com algo de divino. Os sunitas, por seu lado, acreditam em tradições baseadas em escolas teológicas e jurídicas, que envolviam analogias do Corão e dos "hadith".

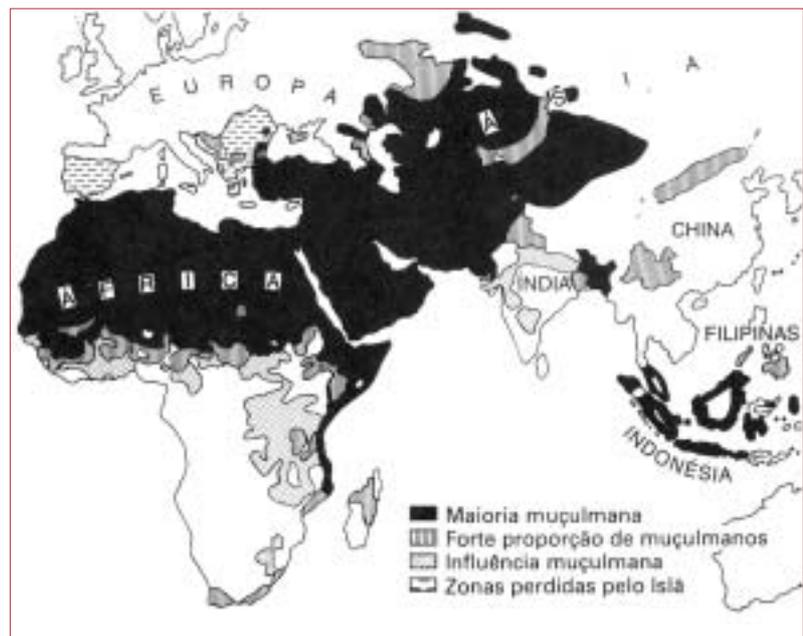
Fonte: www.publico.pt

JIHAD

Na religião islâmica, o esforço de cada muçulmano para espalhar sua crença é denominado *jihad*. A palavra na língua árabe significa "esforçar-se" ou "para esgotar todos os esforços" a fim satisfazer a Deus. Em decorrência de atos de terroristas radicais, *jihad* tem sido entendida, de modo geral, como uma "guerra santa contra os infiéis", mas pode ser entendida também como uma batalha para derrotar o mal, corrigir os erros e praticar o bem. Esse esforço pode ser individual ou coletivo e a expressão *jihad* pode ser aplicada a uma conduta virtuosa, ajudando outros muçulmanos por meio da caridade, ou por meio de orações e lutando para defender outros muçulmanos. Em período recente, grupos militantes terroristas distorceram o real sentido dessa palavra, que passou a ser entendida como um chamado para a violência.

Texto extraído e resumido de <http://mbsoft.com/believe/beliepoa.html>

As disputas entre as seitas provocaram grandes conflitos entre as tribos até que um dos sucessores de Maomé os lançou no *jihad* (veja Box). Para que cessassem as lutas internas entre os grupos muçulmanos, foram levados a combater os de outras religiões. Assim, os beduínos realizaram as primeiras conquistas islâmicas. O islamismo se estendeu desde a Península Arábica até a Índia, a leste e os Pirineus, a oeste. Foram conquistados a Pérsia, a Síria, o Egito, a África do Norte e grandes extensões da Península Ibérica.



Os muçulmanos no mundo atual. (Fonte: Fernand Braudel, *Gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 108)

Atividade:

1. “Quando terminarem os meses sagrados, matem os infiéis em qualquer parte que estejam. Prendam-nos! Acorrentem-nos! Armem emboscadas para eles! Se eles se arrependerem de seus erros, rezarem e derem esmola, deixem o campo livre. Allah é bom e misericordioso.” (Fonte: Alcorão, texto extraído e traduzido de G. Duby. *Millieux hommes et civilizations*. 6e. Paris: Hachette, 1977, p. 152)

O texto deixa claro que:

- a) o islamismo não aceita a conversão religiosa e que todo aquele que não nascer muçulmano não deve ser poupado.
- b) a guerra santa (jihad) deve ser levada por todos os cantos e exterminar de maneira implacável os que não forem muçulmanos.
- c) os infiéis são os pregadores católicos que peregrinavam pela Arábia para converter as tribos de beduínos.
- d) a conversão ao islamismo é muito simples, bastando o arrependimento, a oração e o exercício da caridade.
- e) o islamismo é uma religião politeísta, semelhante às crenças pagãs romanas.

2. Sunitas e xiitas são termos que denominam:

- a) Religiões politeístas que existiam na Arábia antes da pregação de Maomé.
- b) Seitas islâmicas que aceitam os princípios básicos do islamismo, mas diferem em outros aspectos da religião.
- c) Os religiosos encarregados de pregarem o Alcorão, sendo que os xiitas fazem a pregação exclusivamente dentro das mesquitas.
- d) Seitas cristãs que existiam dentro do Islamismo e que consideram Jesus Cristo o principal profeta do Islã.
- e) Seitas islâmicas que não aceitam Maomé como o maior profeta do Islamismo.

Em 711 os árabes penetraram na Península Ibérica, ocupada pelos visigodos, e a conquistaram quase totalmente. Chegaram a cruzar os Pirineus em direção ao reino dos Francos, mas em 732 foram detidos por Carlos Martel na batalha de Poitiers, no centro da atual França. A tolerância com os povos submetidos, em especial com cristãos e judeus, auxiliou a expansão muçulmana. Eles podiam praticar sua religião, mas eram obrigados a pagar altos impostos, dos quais os muçulmanos eram liberados.

OS MUÇULMANOS NA PENÍNSULA IBÉRICA

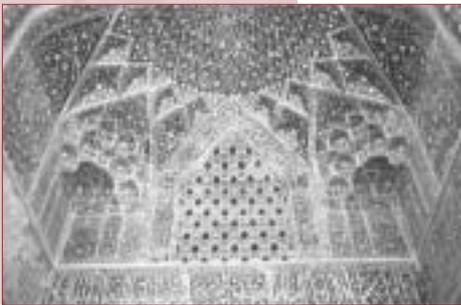
O mundo muçulmano se caracterizou por uma sociedade urbana que contribuiu para o desenvolvimento cultural do Ocidente. A agricultura, base da economia muçulmana, era praticada em todas as regiões que o permitiam, às vezes graças a importantes obras de irrigação. Essa atividade permitiu o desenvolvimento de uma elevada organização urbana, caracterizada por uma intensa atividade artesanal e um comércio que vinculava o Oriente com as regiões ocidentais da África e Europa.

As cidades muçulmanas foram centros muito ativos. As maiores – Bagdá, sobre o rio Eufrates e Córdoba, na atual Espanha – chegaram a ter mais de meio milhão de habitantes e foram, ao lado de Constantinopla, as cidades mais populosas da Idade Média. Ao expandir-se por antigos centros urbanos, o Islã recolheu o legado cultural da Antigüidade e sobre ele desenvolveu avan-

ços em numerosas ciências como a medicina, a matemática, as ciências naturais, a geografia e a filosofia.

A conquista influenciou também na reativação da economia da Europa Ocidental, que havia se empobrecido durante a decadência do Império Romano, ao comprar produtos inexistentes nas regiões ocupadas pelos muçulmanos, como a madeira extraída dos extensos bosques europeus para a construção de edifícios e de barcos.

A principal contribuição à cultura ocidental proveio de *Al-Andalus* (região da atual Espanha, conhecida hoje com Andaluzia), onde Córdoba se converteu em uma cidade comparável a Constantinopla e Bagdá. A aristocracia muçulmana se orgulhava de possuir grandes bibliotecas; os livros eram vendidos livremente nas ruas e a biblioteca do palácio reunia aproximadamente quatrocentos mil volumes. A cidade de Toledo, a antiga capital dos visigodos, era uma cidade cosmopolita e poliglota na qual conviviam visigodos cristãos, mouros (muçulmanos) e judeus. Estudiosos provenientes de todas as nações da Europa ocidental se encontravam nela, e ali se realizou um frutífero intercâmbio de idéias e de conhecimento de todos os campos do saber. Sevilha e Granada foram também grandes cidades muçulmanas, além de Toledo, Valência e Saragoza.



Mesquita de Isaphan (Fonte: G. Duby, *Milleux hommes et civilizations*. 6e. Paris: Hachette, 1977 p. 153)



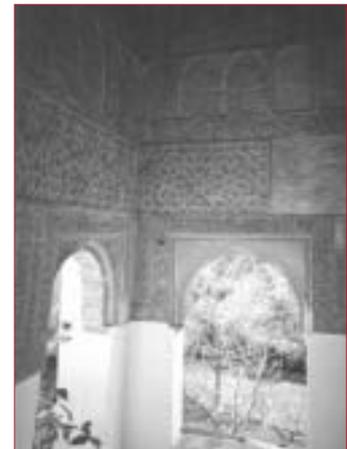
Pátio interno do Palácio de Alhambra, Granada (Fonte: arquivo particular)

Alguns edifícios caracterizam as antigas cidades muçulmanas na atual Espanha:

- A mesquita é o templo no qual se realiza a obrigação que o muçulmano tem de realizar orações comunitárias, todas as sextas-feiras. No exterior da mesquita há torres, chamadas minaretes, nas quais sobem as pessoas encarregadas de chamar os fiéis à oração.
- O palácio: conjunto formado por diferentes construções destinadas a audiências, dormitórios, lazer. Todos tinham as salas de banho, costume que caracterizava os muçulmanos e que, durante a Idade Média, os distinguia da sociedade cristã. Uma característica importante do palácio muçulmano é a existência de pátios e jardins interiores, sempre com fontes. A água é um elemento importante na vida cotidiana dos muçulmanos, porque devem se banhar para fazer suas orações e, para um povo cuja origem está no deserto, é um bem tão precioso que está presente em todas as representações do paraíso islâmico.

Os edifícios são muito simples no seu exterior e muito decorados no interior. Como o Alcorão proíbe a representação de formas vivas (homens e animais), criou-se um tipo de decoração que conhecemos como *arabesco*, que enfeita as paredes internas das mesquitas e palácios.

Palácio de Alhambra - parede coberta de arabescos em alto relevo (Fonte: arquivo particular).



Desde os primeiros anos da conquista árabe da península ibérica, os muçulmanos tomaram conta de uma grande parte do território hoje ocupado por Portugal e Espanha. Havia também reinos cristãos na zona montanhosa, formada pelos Montes Cantábricos e pelos Pirineus. É importante recordar que as culturas conviveram bastante tempo e acrescentaram elementos umas às outras. A cultura judaica também deu uma importante contribuição, tanto nas letras como nas ciências.

Os reinos cristãos (Castela, Leão, Navarra e Aragão) que persistiram durante a dominação árabe, a partir do século XI, se reorganizaram e iniciaram uma guerra de reconquista dos territórios, conseguindo a supremacia cristã no século XIII. Em 1492, os árabes foram expulsos definitivamente da península. Após a expulsão, os reinos se uniram sob a coroa dos reis Isabel de Castela e Fernando de Aragão, dando origem à Espanha.

(Texto baseado em: BRAUDEL, Fernand. *Gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.)

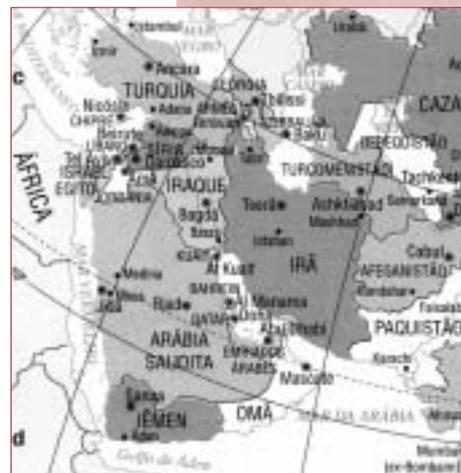
Atividade:

1. Indique com um X as afirmativas corretas:

- A religião islâmica ou muçulmana tem como princípio fundamental a existência de um único Deus e tem Maomé como seu maior profeta.
- A religião islâmica ou muçulmana, que teve origem nas tribos de beduínos que viviam no deserto, não permitiu que seus fiéis desenvolvessem uma sociedade urbana.
- Ao ocuparem extensas regiões da Península Ibérica, os árabes desenvolveram uma sociedade urbanizada e permitiram aos cristãos e judeus que permanecessem com suas crenças, desde que pagassem tributos.
- A intolerância religiosa, que fazia com que os muçulmanos aniquilassem fisicamente todos os que não professassem sua fé, foi predominante nas cidades que construíram na Península Ibérica.
- As imagens de líderes religiosos e políticos muçulmanos, que ornamentam os espaços internos das mesquitas e palácios, são chamados de arabescos.
- O Islã recolheu o legado cultural da Antiguidade e sobre ele desenvolveu avanços em numerosas ciências como a medicina, a matemática, as ciências naturais, a geografia e a filosofia.

O ISLÃ NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Você já viu que a expansão dos árabes a partir do século VII levou-os no século seguinte à ocupação de grande parte da Península Ibérica, de onde foram expulsos no final do século XV. Atualmente, o islamismo está espalhado por todas as partes do mundo: o Oriente Médio reúne cerca de 18% da população muçulmana no mundo – sendo que turcos, afegãos e iranianos (persas) não são sequer árabes. Outros 30% de muçulmanos estão no subcontinente indiano (Índia e Paquistão), 20% no norte da África, 17% no sudeste da Ásia e 10% na Rússia e na China. Há minorias muçulmanas em quase todas as partes do mundo, inclusive nos EUA (cerca de 6 milhões) e no Brasil (entre 1,5 milhão e 2 milhões). A maior comunidade islâmica do mundo vive na Indonésia.



Para saber mais sobre islamismo na Idade Média

Leia

Islamismo, de Maomé a nossos dias, de Neuza Neif Nabhan. São Paulo: Ática (Coleção As Religiões na História)

O que é Islamismo, de Jamil Almansur Haddad. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos, 41)

Consulte os sites

<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/islamismo/perguntas.html>

<http://centros5.pntic.mec.es/ies.arzobispo.valdes.salas/alumnos/agrupa/islam.html>

Veja o filme

El Cid

Você já compreendeu também que, embora haja unidade nos princípios fundamentais, há seitas diferentes, como a dos sunitas e a dos xiitas, disputando não somente a conquista religiosa, mas também o poder e o controle de algumas nações de maioria islâmica. Dois países que freqüentam diariamente as páginas dos noticiários são exemplos do poder dos xiitas e dos sunitas, o Irã e o Iraque, respectivamente.

O IRÃ

O Irã é um dos países mais antigos do mundo, pois sua história começou há 5.000 anos. Está situado num enclave estratégico, no Oriente Médio, sudoeste da Ásia. Ao longo de sua história, foi ocupado muitas vezes por outros países. Nele se desenvolveu o império persa, que perdeu sua posição de domínio mundial ao ser derrotado pelos atenienses, e depois foi ocupado pelos exércitos da Macedônia, liderados por Alexandre, o Grande.

Na metade do século VII, os árabes conquistaram a Pérsia e a maioria da população foi convertida ao Islã, adotando a forma xiita, utilizada como uma arma contra os grandes chefes muçulmanos, que eram sunitas.

Durante dois séculos o idioma dos conquistadores – o árabe – substituiu a língua pahalavi, que os persas utilizavam. A imposição de uma língua estranha foi um freio para o desenvolvimento da literatura persa. Dois séculos depois, já se falava novamente a língua da região, mas com o alfabeto árabe, o que permitiu que na metade do século VIII o Irã se convertesse em um centro mundial de literatura, das ciências e das artes.

Desde então, o Irã passou por sucessivas invasões e foi dominado por outros povos: os mongóis no século XII; os turcos, no século XV; os afegãos, no século XVIII; no século XIX perdeu uma parte de seu território para o Império Russo. Não perdeu, contudo, os aspectos culturais adquiridos desde a conversão da população ao Islamismo, na perspectiva da seita xiita.

Leia a matéria jornalística abaixo, extraída da *Folha Online*, seguindo as etapas para a leitura e compreensão do texto, da página 18 deste módulo:

RESUMÃO/ATUALIDADES – EUA, O “GRANDE SATÃ”

Roberto Candelori, especial para a Folha de S.Paulo, 27/09/2001 – 09h55

Manifestações antiamericanas explodem por todo o Oriente. No Afeganistão, no Paquistão, no Irã, em Beirute ou na Faixa de Gaza, entre iranianos, afegãos ou palestinos. Multidões muçulmanas queimam bandeiras americanas, entoam hinos e se preparam para o confronto com o “grande Satã”.

Não é difícil identificar razões para tanto ódio. Atraídos pelo petróleo do Golfo Pérsico, os ingleses se instalaram na Pérsia, atual Irã, no início do século 20. A Anglo-Iranian Oil Company explorou o petróleo até 1951, quando o primeiro-ministro Mossadegh ascendeu ao poder e nacionalizou a indústria petrolífera. Refém do nacionalismo, o serviço secreto britânico, com a participação da CIA, organizou um golpe de Estado em 1953 e levou ao poder o xá Reza Pahlevi.

Homem forte do Irã, Pahlevi governou com o apoio dos EUA e montou um consórcio internacional para a exploração do petróleo. Criou uma polícia secreta, a Savak, destinada a combater a oposição nacionalista. No início dos anos 60, implantou a “revolução branca” com o objetivo de modernizar o Irã.

(continua)

País de fortes contrastes, o Irã era dividido entre uma elite dirigente sunita e mais de 90% composta por xiitas que contestavam essa ocidentalização. Comandada a distância pelo aiatolá Khomeini, expulso do país em 64, a população iniciou uma onda de protestos contra o regime, derrubando o ditador Pahlevi em 79. Com o triunfo da Revolução Iraniana, o aiatolá regressou ao país e fundou a República Islâmica com base no Alcorão.

Modelo para os países muçulmanos, o Irã estimulou o expansionismo fundamentalista. Aterrorizado com o avanço da fé islâmica, o “grande Satã” se aliou ao Iraque no projeto de contenção, forjando um novo líder para obstruir o avanço xiita: Saddam Hussein. Credenciado pelos americanos e pelas monarquias do golfo, o líder iraquiano atacou durante oito anos o regime de Teerã. Era a guerra Irã-Iraque (1980-1988) que deixaria mais de 1 milhão de mortos e um rastro de ódio interminável contra o gigante da América.

(...)

Atividade:

1. A que seita islâmica pertence a maioria da população do Irã?

2. Que países participaram do golpe que levou ao poder o Xá Reza Pahlevi? Quais os interesses que o governo nacionalista havia contrariado?

3. Qual o objetivo da “revolução branca” pretendida pelo Xá?

4. A que o jornalista se refere ao usar a expressão “Grande Satã”? Por quê?

5. Por que países do ocidente patrocinaram a Guerra Irã-Iraque?

6. Quais as relações entre o Estado e o Islamismo, de acordo com a orientação do aiatolá Khomeini?

7. Fuvest 2002

Na década de 1950, dois países islâmicos tomaram decisões importantes: em 1951, o governo iraniano de Mossadegh decreta a nacionalização do petróleo; em 1956, o presidente egípcio, Nasser, anuncia a nacionalização do canal de Suez. Esses fatos estão associados:

- a) às lutas dos países islâmicos para se livrarem da dominação das potências Ocidentais.
- b) ao combate dos países árabes contra o domínio militar norte-americano na região.
- c) à política nacionalista do Irã e do Egito decorrente de uma concepção religiosa fundamentalista.
- d) aos acordos dos países árabes com o bloco soviético, visando à destruição do Estado de Israel.
- e) à organização de um Estado unificado, controlado por religiosos islâmicos sunitas.

O IRAQUE

“Era 20 de março quando começou o ataque ao Iraque liderado por Estados Unidos e Reino Unido para depor o presidente Saddam Hussein. A data também pode ser considerada o clímax no conto de destruição de um dos maiores patrimônios históricos da humanidade: a Mesopotâmia, conhecida como o ‘berço da civilização’, onde surgiram cidades, escrita e códigos de conduta.

Como outras grandes civilizações da Antiguidade, a mesopotâmica desapareceu após sucessivas invasões de persas, macedônios, árabes, mongóis e turcos. Havia poucos registros dessas culturas até o século 19, quando estudiosos europeus voltaram seus olhos para o Iraque.

Ainda que a pesquisa arqueológica na região seja recente, ela trouxe à luz peças essenciais para o entendimento da Mesopotâmia e da própria humanidade. No entanto, desde a Guerra do Golfo, em 1991, e o início do embargo econômico ao Iraque, o trabalho dos estudiosos foi prejudicado. Com a nova guerra e a queda do governo central, a comunidade científica internacional reflete se a história sobreviverá a mais um conflito.”

Fonte: www.revistagalileu.globo.com

Atividade:

Resuma em três linhas o conteúdo da nota acima:

A nota trata de um fato ocorrido recentemente e que provocou a indignação de historiadores, arqueólogos e outros pesquisadores, porque se referia à possibilidade de, durante mais uma das guerras em que governos e homens se

enfrentam, desaparecerem preciosos objetos da cultura material de povos da Antiguidade. Você já teve oportunidade de aprender, no Módulo 2, a importância que os restos da cultura material têm para o estudo e o conhecimento das sociedades do passado. Quando os Estados Unidos e a Inglaterra invadiram o Iraque, tanques de guerra passearam sobre sítios arqueológicos e bibliotecas e destruíram os restos de antigas civilizações. Mas não foram somente os ataques e bombas que fizeram desaparecer esses vestígios, mas também as ações humanas deliberadas, caracterizadas pelo saque de milhares de peças de grande valor histórico e arqueológico dos museus e instituições, levando, provavelmente para sempre, importantes obras das antigas civilizações.

A região onde hoje se localiza o Iraque é conhecida como Mesopotâmia e foi berço de numerosas sociedades, que são conhecidas por terem sido as primeiras sociedades urbanizadas.

O vocábulo *Mesopotâmia* tem origem grega: é a junção de *meso*, que significa “no meio, entre”, com *potamos*, que quer dizer “rio, rios”. Traduzindo ao pé da letra, Mesopotâmia significa “entre rios”. Esse nome se explica porque as sociedades se desenvolveram numa extensão de terra limitada pelos rios Tigre e Eufrates.

A MESOPOTÂMIA

Entre a Ásia, a África e Europa, uma região fertilizada pelas inundações periódicas de dois grandes rios atraiu muitos povos e os obrigou a desenvolver obras de engenharia. Para coordenar sua realização, surgiu o Estado. Essa região foi chamada Mesopotâmia e dominada, sucessivamente, pelos sumérios, acádios, amoritas, assírios e caldeus.

Os sumérios fixaram-se no sul da Mesopotâmia em 3.500 a.C. Agricultores e criadores de gado desenvolveram a escrita cuneiforme e os veículos sobre rodas.

Em 2.300 a.C., os acádios dominaram os sumérios graças ao uso do arco e flecha, mas trezentos anos depois foram dominados pelos amoritas (antigos babilônicos), cuja principal criação foi o primeiro código de leis escrito da História – o Código de Hamurabi.

No século VIII a.C., os amoritas foram dominados pelos assírios, que haviam desenvolvido um poderoso exército usando armas de ferro, carros de combate e aríetes. Além da Mesopotâmia, dominaram Síria, Fenícia, Palestina e Egito. Em 612 a.C., foram vencidos por uma aliança de caldeus e medos.

Os caldeus (novos babilônicos) reconstruíram a Babilônia, mas sua dominação durou pouco: em 539 a.C. foram vencidos pelos persas de Ciro, o Grande, que libertou os judeus do cativeiro da Babilônia.

A economia da Mesopotâmia baseava-se principalmente na agricultura, mas os povos da região desenvolveram também a criação de gado, o artesanato, a mineração e um ativo comércio à base de trocas que se estendia à Ásia Menor, ao Egito e à Índia.

Sua organização social formava uma pirâmide que tinha no topo os membros da família real, nobres, sacerdotes e militares. A base era composta por artesões, camponeses e escravos.

A religião era politeísta e os deuses antropomórficos. Destaca-se o deus do Sol, Shamach; Enlil, a deusa do vento e das chuvas; e Ishtar, a deusa do amor e da fecundidade.



(Esquerda) cilindro de pedra calcária com cena gravada de caça e pastoreio. (Direita) texto administrativo numa plaqueta de barro que mostra os numerais como impressões de formato redondo ou de meia-lua feitas pelo instrumento de escrita e os signos pictográficos para várias mercadorias, como peixe e algumas substância líquida, representada por um jarro (canto inferior esquerdo). Ambas as peças provenientes de Uruque (Museu de Pérgamo, Berlim). (Fonte: Gwendolyn Leick. *Mesopotâmia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

(continua)

Não acreditavam na vida após a morte e não se preocupavam com os mortos, mas acreditavam em demônios, gênios, espíritos bons, magias e adivinhações. A importância que atribuíam aos astros levou-os a criar o zodíaco e os primeiros horóscopos.

Fonte: www.brasilecola.com

A FUNDAÇÃO DE BAGDÁ

Por volta do ano de 140 do calendário muçulmano (762 pelo calendário cristão), o califa Al-Mansur chamou dois renomados astrônomos, um persa e outro judeu, para que projetassem a nova capital do seu império. Ele era o segundo governante da recém-implantada dinastia dos abácidas que, em 750 d.C., depois de se revoltar contra o ramo omíada da família do profeta Maomé, havia manifestado a idéia de construir uma cidade que expressasse o vigor e a energia do islamismo renovado. Em pouco tempo, apresentaram-lhe o projeto urbanístico. Tratava-se de uma urbanização circular cujas portas voltavam-se para os quatro cantos do mundo. O nome a ser dado era Madinat Al-Salâm, a Cidade da Paz, e seria construída onde outrora ficava a aldeia de Bagdá. Situada nas margens do Rio Tigre, justamente no momento em que este mais de aproxima do seu rio irmão, o Eufrates, a sua posição geográfica era exemplar, pois lhe permitia o controle das férteis terras ribeirinhas, o domínio da desembocadura de ambos os rios, o canal de Chatt-el-Arab, bem como o porto de Bassora, a atual Basra, situada a 400 quilômetros mais abaixo.

O Iraque como conhecemos atualmente teve início com a conquista muçulmana, no século VIII, no mesmo século em que o califa Al-Mansur fundou a cidade de Bagdá, que em meados do século IX era a maior cidade do mundo. Bagdá, juntamente com Córdoba, na Península Ibérica, foi o maior centro cultural da Idade Média. Reunia cientistas e filósofos, que foram precursores de descobertas e invenções que ajudaram o desenvolvimento tecnológico do Ocidente (Veja Box).

No século XVI, a região foi conquistada pelo Império Otomano e ficou sob seu poder até 1918.

A Primeira Guerra Mundial foi um momento decisivo para a política internacional. Ao final da guerra, ao mesmo tempo em que Alemanha e Itália perderam suas colônias, foi criada a Liga das Nações, seguindo a proposta feita pelos Estados Unidos durante o conflito. Esse país, porém, não participava da Liga das Nações. Isso significou que as principais decisões do pós-guerra eram tomadas pela Inglaterra e pela França, que estavam entre os vencedores da Primeira Guerra. A derrota do Império Otomano fez com essas duas grandes potências redesenhassem o mapa do Oriente Médio segundo seus interesses, criando novos países com fronteiras artificiais. O Iraque, por exemplo, incluiu regiões habitadas por curdos e por assírios (descendentes de antigos habitantes da Mesopotâmia), povos sem identidade com a maioria muçulmana que vivia na região.

Sob a tutela britânica, o Iraque se tornou uma monarquia e embora sua independência datasse de 1932, continuou sendo um protetorado inglês. Sua vida política era caracterizada pela instabilidade, por ser um país artificial, por existência de rivalidades entre grupos étnicos e religiosos e por que, em 1928, foram encontradas grandes reservas de petróleo, fato que aumentou o interesse imperialista pela região.

As décadas de 50 e 60 do século passado foram marcadas por golpes violentos e pelo desenvolvimento do nacionalismo, que levou o rei Oasim a se aproximar da URSS e da China, contrariando os interesses ocidentais, principalmente o dos Estados Unidos e da Inglaterra, ao restringir os lucros da multinacional Iraq Petroleum Company. O rei foi deposto e assassinado em 1963 em um golpe organizado pela CIA, com a participação de Saddam Hussein, que em 1969 foi escolhido pelo Partido Bahas para ser o presidente do Iraque.

A GUERRA IRÃ X IRAQUE

Depois da revolução islâmica de 1979 no Irã, as relações entre o Irã e o Iraque se deterioraram. O Iraque invadiu o vizinho, dando início a uma guerra que durou oito anos. Em setembro de 1980, o Iraque respondeu a uma série de pequenos choques na fronteira com o Irã com uma ampla ofensiva para tomar a província iraniana de Khuzestan, rica em petróleo. Até o final do mês,

o Iraque já havia abandonado seu tratado de 1975 com o Irã, passando a reivindicar a parte controlada pelo Irã do Chatt al-Arab. Os países começaram a bombardear um ao outro. As verdadeiras razões que teriam levado o Iraque a invadir seu vizinho, porém, até hoje dividem analistas. Não se sabe ao certo se a ação teria sido motivada pelo nervosismo da elite sunita, pelo desejo de evitar que a ideologia de Khomeini se espalhasse pelo Oriente Médio, ou simplesmente por puro expansionismo oportunista.

Deve-se lembrar também que o fundamentalismo religioso do Irã, sua aproximação com a URSS e seu antagonismo em relação aos Estados Unidos provocaram neste país uma política internacional para o enfraquecimento do Irã. Como podiam contar com o sunita Saddam Hussein como aliado, alimentaram e apoiaram os ataques do Iraque ao Irã.

A INVASÃO DO KUWAIT

Após a guerra contra o Irã, o Iraque amargou sérios problemas. Os anos de guerra produziram uma dívida imensa em função dos armamentos adquiridos. Em contrapartida, possibilitaram também a montagem de um arsenal de guerra invejável. Afora isso, o Iraque pleiteava a região do Kuwait, alegando que este lhe pertenceria e havia sido criado em função de interesses colonialistas europeus. Há que se considerar também o fato do Iraque ter uma grande dívida com o Kuwait, decorrente da guerra com o Irã.

Esses motivos levaram o Iraque a invadir o Kuwait em agosto de 1990. Em represália, os EUA, interessados em manter o preço do petróleo baixo, conclamaram o mundo a se empenhar numa tarefa de libertação do Kuwait. Mais de vinte países mandaram soldados numa coalizão de forças que apoiavam os americanos. A ONU aprovou uma resolução que obrigava o Iraque a se retirar do Kuwait, endossando uma possível invasão dos EUA e das forças coligadas, que viria a se confirmar no início de 1991, com a Guerra do Golfo. Além disso, os EUA lideraram um embargo econômico ao Iraque.

Do lado iraquiano permaneceram somente o Iêmen, a Jordânia e a OLP de Yasser Arafat. Durante a curta guerra, Hussein tentou jogar o mundo árabe contra Israel e arremessou alguns mísseis contra o país, na esperança de que Israel se envolvesse no conflito e provocasse comoção no mundo árabe. Tudo foi em vão. Rapidamente o Iraque foi derrotado pela coalizão internacional liderada pelos EUA. Isso não representou a queda de Saddam Hussein. Durante o conflito, os EUA incentivaram levantes dos xiitas como forma de minar internamente o governo de Hussein. Ante a possibilidade de uma revolta xiita nos moldes iranianos, os EUA preferiram não derrubar de uma vez por todas o ditador iraquiano após a rendição do Iraque. Julgavam ser mais apropriado a permanência de um Saddam derrotado e enfraquecido do que um “novo Irã” no planeta. Assim, permitiram que Saddam esmagasse livremente os focos de sublevação interna no seu país.

(Texto adaptado de: www.historianet.com.br e www.bbc.co.uk/portuguese/especial)



Atividade:

1. A criação de países no Oriente Médio ocorreu nas primeiras décadas do século XX, em decorrência:

- a) da expansão do nazi-fascismo e da necessidade de territórios para alocar a população excedente da Alemanha;
- b) da descoberta do petróleo no território do Irã e dos interesses dos países europeus em explorá-lo;
- c) do fim da Segunda Guerra Mundial e da necessidade de colocar na região os perseguidos pelos países derrotados;
- d) da criação da Liga das Nações, que pretendia estabelecer protetorados em todas as regiões pobres do mundo;
- e) da decadência do Império Otomano e da vitória na Primeira Guerra Mundial dos países aliados, que estenderam sua influência sobre todo o Oriente Médio.

2. Relacione as citações da coluna da direita às da coluna da esquerda:

- | | |
|--------------------------|------------------------------------|
| a) Fundamentalismo | (...) Bagdá |
| b) Liderança sunita | (...) Irã, Iraque e Kuwait |
| c) Guerra do Golfo | (...) República Islâmica do Irã |
| d) Protetorado britânico | (...) Coligação liderada pelos EUA |
| e) Reservas petrolíferas | (...) Iraque |
| f) Capital do Iraque | (...) governos do Oriente Médio |

Unidade 2

Terror e terrorismo na sociedade contemporânea

Organizadoras
Kátia Maria Abud
Raquel Glezer
Elaboradoras
Kátia Maria Abud
Raquel Glezer

Uma das características da imprensa diária, enquanto veículo de comunicação de massa, é que ela dá destaque a fatos considerados excepcionais: em seu dia a dia, o diferente é que é importante. Muitas vezes, lendo as primeiras páginas, a impressão que se tem é a de um mundo caótico e descontrolado, porque não há o acompanhamento do que aconteceu, em modo analítico, que permita ao leitor acompanhar o desenrolar dos fatos e entender o que está ocorrendo.

No mês de setembro, muitas imagens foram reproduzidas nos mais diversos veículos de comunicação de massa – jornais, revistas, televisões e internet.

Você se sabe a que fato a imagem à direita se refere?

Ela apresenta os preparativos para a solenidade realizada na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América do Norte, pelos mortos no atentado de 11 de setembro de 2001. As duas faixas de luz representam dois edifícios que foram derrubados em 11 de setembro de 2001, os do World Trade Center. Mais de 3.000 pessoas morreram nas explosões e queda dos prédios. Alguns dos corpos das pessoas que estavam nos prédios não foram encontrados.



Fachos de luz no local onde ficavam as torres gêmeas. (Fonte: Folha de S. Paulo, 11 set. 2004, do site <http://www.folhaonline.uol.com.br>)

Em dias anteriores, outras imagens foram apresentadas, referentes a um atentado em uma escola na cidade de Beslan, na Ossétia do Norte, uma república da Federação das Repúblicas Russas. O ataque ao prédio da escola foi realizado no primeiro dia de aula, no retorno das férias de verão. Foram feitos 1.200 reféns e mais de 300 pessoas foram mortas.



Depois de passar 53 horas nas mãos de um grupo de terroristas, crianças que estudavam na Escola Número 1 de Beslan (Ossétia do Norte) são retiradas do prédio por militares, parentes e voluntários. (Fonte: Folha de S. Paulo, 04 set. 2004, do site <http://www.folhaonline.uol.com.br>)

Alguns dias antes, dois aviões da companhia russa Aeroflot foram explodidos em pleno vôo.

Em março de 2004, houve uma explosão em uma estação de metro na cidade de Madri, que também matou muitas pessoas e deixou diversos feridos.

As notícias sobre carros-bombas e explosões que matam e deixam muitos feridos são constantes nos últimos anos, em vários países, com diversos regimes políticos.

O que tais fatos – carros-bombas, explosões de prédios, de estações de metrô, de aviões, ataques a escola – possuem em comum?

Todos eles são atribuídos a terroristas, isto é, pessoas que praticam *atos de terror* contra outros indivíduos, com o objetivo de atingir o governo de um país, contra o qual lutam, por determinados objetivos –como independência nacional, libertação de domínio considerado estrangeiro, domínio político de uma área etc.

Terror, atos de terror, períodos de terror, **terrorismo**, são fenômenos históricos que marcam a época contemporânea.

Hoje em dia, *terrorismo* é caracterizado como um fenômeno político. Entre as várias definições propostas, sobressai um denominador comum: ele caracteriza-se pelo recurso sistemático à violência contra pessoas e bens, visando criar na sociedade sentimentos coletivos de medo e insegurança.

(Extraído do site http://www.sis.pt/seg_int/terrorism.htm)

Terror é uma palavra que surgiu no século XVIII, durante a Revolução Francesa. Historicamente, marca o período entre junho-julho de 1793 e julho de 1794, fase de violência revolucionária contra os nobres e os contra-revolucionários, na Convenção, dominado por Robespierre e Saint-Just, líderes dos jacobinos mais radicais.

Você se lembra de algum ato de terror que tenha aparecido no noticiário? Explique com suas palavras o que você entendeu.

A palavra terror começou a ser utilizada no período da Revolução Francesa, indicando a forma pela qual o governo tratava seus opositores. Depois, no século XIX, ocorreu uma transformação no sentido: terroristas eram as pessoas que lutavam contra o governo, tentando provocar a revolta popular e a mudança de regime político.

No século XX, passou a ser usada para assinalar períodos politicamente conturbados, em que governos perseguiram e mataram oponentes políticos. Hoje em dia, falamos em terror latino-americano quando nos referimos ao período das ditaduras na América do Sul, ou ao terror cambojano, no período de domínio do Khmer Vermelho, de Pol Pot, nos anos de 1975 a 1978, entre outros.

Para saber mais

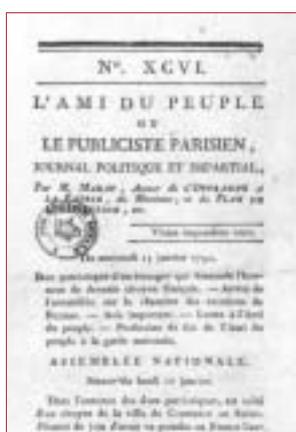
Leia

Terrorismo: a ameaça final. *História: aventuras na História para viajar no tempo*, no. 13, set.2004, p. 50-56.

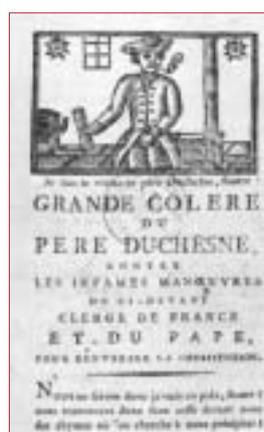
A Revolução Francesa é considerada na sociedade ocidental o marco mais significativo das transformações sociais, início do período contemporâneo, pois destruiu os resíduos feudais que ainda existiam no reino da França. Foi um exemplo muito forte para todos os outros países, que tentaram destruir as estruturas arcaicas e transformar-se em países contemporâneos, independentes, com sociedade de classes. Nela surgiram fenômenos políticos, sociais e culturais que se espalharam pelo mundo. Até hoje, as conquistas que proporcionou são valorizadas e exaltadas, como o conceito de igualdade entre os homens perante a lei, o direito à propriedade e o direito à liberdade de opinião. Liberdade de opinião, sobre qualquer assunto em qualquer aspecto, é o ponto fundamental da liberdade de imprensa. A imprensa, através da difusão da leitura, foi uma grande colaboradora da Revolução.



Vendedora de jornais: a jovem vende o decreto de autorização de emissão de papel-moeda; na banca estão jornais e brochuras patrióticas e no chão os contra-revolucionários. As figuras no fundo, do lado esquerdo, representam os patriotas, simpáticos, e os do lado direito, a nobreza, ridicularizada. (Fonte: Jean Monnier. *Histoire – 1789-1848*. Paris: Fernand Nathan, 1972, p. 54)



Dois jornais populares: o do lado direito, editado pelo político Hèbert, e do lado esquerdo, *O amigo do povo*, editado por Marat. (Fonte: Jean Monnier. *Histoire – 1789-1848*. Paris: Fernand Nathan, 1972, p. 63)



Sobre a Revolução Francesa existe uma bibliografia muito grande e até hoje os especialistas se dividem entre seus partidários e seus inimigos.

REVOLUÇÃO FRANCESA

A França, no século XVIII, ainda era um Estado com permanência de situações feudais, mesmo tendo um importante papel cultural com as idéias iluministas e apesar do início do processo de industrialização em algumas regiões urbanas. A base econômica do país era agrária, com mais de 20 milhões de habitantes nas áreas rurais.

A sociedade estava organizada por *estamentos* ou *ordens*:

- *primeiro estado* – clero, dividido em *alto clero*, formado pelos bispos e abades (de origem nobre), e *baixo clero*, formado pelos padres e vigários (com origens em camadas menos privilegiadas);
- *segundo estado* – nobreza, dividida em *nobreza palaciana*, que recebia pensões reais e cargos públicos; *nobreza provincial*, que vivia em propriedades rurais, quase sem recursos econômicos; e *nobreza de toga*, com pessoas de origem burguesa, que compravam os cargos públicos e administrativos;
- *terceiro estado* – era 98% da população, dividido em: *alta burguesia*, os banqueiros, financistas e grandes empresários; *média burguesia*, os profissionais liberais (médicos, dentistas, advogados etc); *pequena burguesia*, artesãos e lojistas; e o *povo*,

(continua)

formado por artesãos, aprendizes e proletários, nas áreas urbanas, e pequenos proprietários rurais livres, camponeses semilivres e servos da gleba (pessoas vinculadas a propriedades rurais, que nunca poderiam abandonar, pois cabia a elas o trabalho agrícola). Sobre este estamento recaía todo o peso dos impostos e contribuições, visto que os outros dois estados eram isentos de tributos.

- *Estamentos* ou *ordens* – formas de organização social nas quais as pessoas se localizam por nascimento, não havendo mobilidade social entre um grupo e outro, e apenas mobilidade econômica dentro do mesmo grupo. É considerada característica de sociedades pré-industriais ou pré-contemporâneas. Ela é diferente da organização das sociedades de classes, nas quais os indivíduos possuem mobilidade econômica e social.

A forma de administração era absolutista, centralizada na figura do rei, que decidia sobre tudo o que era referente ao funcionamento do estado, venda de cargos públicos, incluindo arrecadação de impostos. O estado francês possuía uma dívida externa de 5 bilhões de libras, e seu meio circulante era de 2,5 bilhões de libras (moeda vigente no país na época).

O ano de 1788 foi de crise: diminuição da produção agrária e aumento de preços nos gêneros alimentícios. As tentativas de reforma tributária, para estabilizar o orçamento, fracassaram, porque o clero e a nobreza se recusaram a pagar impostos.

Em abril de 1789, foi convocada uma *Assembléia dos Estados Gerais*, visando obrigar o terceiro estado a aumentar o pagamento dos impostos e contribuições. Houve disputas quanto à forma de representação dos estados, que no século XVII era numericamente proporcional. O terceiro estado pretendia o respeito à diferença populacional, além da votação por cabeça e não por ordem. Se fosse por ordem, ele seria derrotado, porque o primeiro e o segundo estado sempre votariam de forma unânime e coerente com seus interesses. Se fosse individual, além de ter a representação mais forte numericamente, poderia contar com votos dissidentes dos outros dois estados. As tentativas de negociação fracassaram.



Quadro representando a tomada da Bastilha (14 de julho de 1789). (Fonte: Dorel-Ferré. *Histoire. Les activités d'éveil au Cours Moyen*. Paris: Armand Colin, 1981, p. 102)

O terceiro estado, em junho de 1789, se declarou em *Assembléia Nacional*. As tentativas de dissolução não deram resultado e o rei Luis XVI foi obrigado a aceitar sua existência. Formou-se a *milícia de Paris*, organização militar-popular, subordinada à *Assembléia*. Em 14 de julho, o prédio da Bastilha, prisão que o rei utilizava para prender, sem julgamento legal, seus inimigos (reais ou imaginários), foi tomado, e o ímpeto revolucionário espalhou-se pelo país, especialmente nas áreas rurais, com ataques aos grandes proprietários da nobreza e do clero.

A generalização dos conflitos exacerbou a imaginação coletiva e a circulação de boatos, que continham ameaças de retaliação dos senhores contra o povo, gerando o “*grande medo*”.

Para dominar a situação, a *Assembléia Nacional* se reuniu em agosto e decretou:

- abolição dos direitos feudais – devidos ao rei e à Igreja;
- abolição dos direitos feudais em serviços – devidos aos nobres, que poderiam passar a ser pagos em dinheiro;
- *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*.

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO

Os mais significativos são:

- direito à liberdade;
- direito à igualdade perante a lei;
- direito à inviolabilidade da propriedade,
- direito de resistir à opressão

O rei recusou-se a assinar a declaração. O povo revoltou-se novamente, foi buscá-lo no palácio de Versalhes (no qual morava, fora da cidade) e exigiu que ele ficasse no palácio das Tulherias, em Paris.

Em 1790 os bens da Igreja foram nacionalizados e os padres passaram a ser funcionários do Estado. O Papado recusou tal situação. Alguns padres aceitaram e outros recusaram, criando uma situação de conflito entre a Assembléia e a Igreja Católica Romana.

Em 1791, foi proclamada a *Constituição*: o poder executivo continuava com o monarca, hereditário, e o legislativo passava a ser da Assembléia, de funcionamento regular, com deputados com mandato bienal, com voto censitário. Os estamentos foram abolidos e as leis anteriores confirmadas.

O rei tentou uma reação, buscando apoio em outros países e em outras casas reais, para conter o ímpeto revolucionário.

Mas uma onda revolucionária se espalhou por outros países: Holanda, Bélgica e Suíça. Partidários do movimento revolucionário se manifestaram em outros países: Inglaterra, Irlanda, estados italianos, estados alemães e Império Austríaco.

Nas atividades da Assembléia Nacional, formaram-se grupos políticos e se estabeleceram as situações de disposição espacial por partido, que são até hoje utilizadas como direita e esquerda – expressões que se tornaram sinônimos de posições políticas.

Os grupos políticos eram:

- girondinos – representantes da alta burguesia, apoiados pelo rei;
- jacobinos – representantes da pequena e média burguesia, que buscava o apoio da massa popular (“sans-culottes”);
- cordoeiros – independentes, em posição de centro.

A invasão da França por exércitos estrangeiros e por contra-revolucionários, em 1792, acirrou os ânimos: a massa popular passou a atacar os nobres. Foi formado um exército que convocou todos os homens capazes de lutar para defender o território francês, e este derrotou os invasores. Imediatamen-

Em Paris, o povo ("sans-culottes") em armas. (Fonte: Dorel-Ferré. *Histoire. Les activités d'éveil au Cours Moyen*. Paris: Armand Colin, 1981, p. 104 e 105)



te, foi proclamada a República e o rei foi aprisionado, acusado de traição, por ter apoiado os invasores.

Com a proclamação da República, a direção do país passou à *Convenção*, dominada pelos jacobinos. Nela, o poder executivo era dividido em comitês, como o de Salvação Pública (responsável pelo exército), o de Segurança Nacional (de segurança interna) e o Tribunal Revolucionário (para combater e destruir os contra-revolucionários).

A MARSELHESA

Originalmente canto de guerra revolucionário e hino à liberdade, a Marselhesa impôs-se progressivamente como hino nacional. Hoje ela acompanha a maior parte das manifestações oficiais francesas.

A história

Em 1792, após a declaração de guerra do Rei da Áustria, um oficial francês do destacamento de Estrasburgo, Rouget de Lisle, compõe, na noite de 25 para 26 de abril, com o prefeito da cidade, Dietrich, o "Canto de guerra para o exército do Reno".

Esse canto é repetido pelos federados de Marselha que participam da insurreição das Tulherias, em 10 de agosto de 1792. Seu sucesso é tão grande que ele é declarado canto nacional em 14 de julho de 1795.

Proibida durante o Império e a Restauração, a Marselhesa volta a ter prestígio na Revolução de 1830, e Berlioz elabora para ela uma orquestração que dedica a Rouget de Lisle.

A IIIª República (1879) transforma-a em hino nacional e, em 1887, uma "versão oficial" é adotada pelo ministério da guerra, depois de aprovada por uma comissão.

Foi também durante a IIIª República, em 14 de julho de 1915, que as cinzas de Rouget de Lisle foram transferidas para o *Hôtel des Invalides*.

Em setembro de 1944, uma circular do ministério da Educação Nacional determina o canto da Marselhesa nas escolas para "celebrar nossa libertação e nossos mártires".

O caráter de hino nacional é novamente confirmado nas constituições de 1946 e de 1958 (artigo 2).

O autor

Nascido em 1760 em Lons-le-Saunier, Claude-Joseph Rouget de Lisle era um bravo capitão, mas teve uma carreira militar bastante curta. Revolucionário moderado, ele foi salvo do "Terror" (perseguição contra os jacobinos, republicanos, religiosos etc.) graças ao sucesso de seu canto. Autor de alguns romances e óperas, durante o Império e a Restauração ele vive à sombra, até o seu falecimento em Choisy-le-Roi em 1836.

(continua)

A partitura

Em poucas semanas, o “Hino dos Marselheses” espalhou-se pela Alsácia, sob a forma de manuscrito ou impresso, e depois foi reproduzido por inúmeros editores parisienses. O caráter anônimo das primeiras edições fez com que se duvidasse que Rouget de Lisle, compositor considerado mediocre, tivesse sido seu verdadeiro autor.

Não há apenas uma versão da Marselhesa que, desde o início, foi musicada sob diversas formas, com ou sem canto. Assim, em 1879, a Marselhesa é declarada hino oficial sem que fosse determinada a versão musical.

Uma comissão de 1887, composta por músicos profissionais, estabeleceu uma versão oficial, depois de remanejar o texto melódico e a harmonia.

O Presidente Valéry Giscard d’Estaing desejou que se voltasse a uma execução mais próxima da origem da obra e fez com que o ritmo voltasse a ser mais lento. Hoje, a versão executada nas cerimônias oficiais é uma adaptação da versão de 1887.

Paralelamente, a Marselhesa foi adaptada por intérpretes de gêneros atuais, inclusive de jazz.

A letra**1ª estrofe**

Allons enfants de la Patrie,	[Filhos da Pátria, marchemos
Le jour de gloire est arrivé !	o dia da glória chegou!
Contre nous de la tyrannie,	Contra nós, o estandarte ensangüentado
L’étendard sanglant est levé, (bis)	da tirania ergueu-se.
Entendez-vous dans les campagnes	Ouvis nos campos rugir
Mugir ces féroces soldats ?	esses ferozes soldados?
Ils viennent jusque dans vos bras	Vêm eles até vós
Egorger vos fils et vos compagnes!	<i>degolar vossos filhos e vossas mulheres!</i>

Refrão

Aux armes, citoyens,	Às armas, cidadãos!
Formez vos bataillons,	Formai os batalhões!
Marchons, marchons!	Marchemos, marchemos!
Qu’un sang impur	<i>Do sangue impuro</i>
Abreuve nos sillons!	<i>Nossa terra se saciará!</i>

Extraído do site <http://www.ambafrance.org.br/14%20julho/marseillaise.html>

O rei foi condenado pelo Tribunal e guilhotinado em 1793. Depois, começaram as perseguições aos girondinos e aos moderados. O assassinato de Marat, líder jacobino, por uma contra-revolucionária, assinala o início do período do *Terror*, com a ampliação das perseguições aos contra-revolucionários, aos girondinos, aos moderados e até mesmo aos radicais mais exaltados, à esquerda dos jacobinos.

Durante o período, diversas concessões foram feitas ao povo:

- tabelamento de preços;
- perseguição aos comerciantes que aumentavam os preços dos gêneros alimentícios;
- aumento dos impostos para os mais ricos;
- leis especiais para pobres, velhos e desamparados;
- instrução obrigatória;
- venda de bens nacionalizados (dos nobres e da Igreja).

Entretanto, a fúria revolucionária popular foi diminuindo com as vitórias do exército francês. Em 1794, os girondinos retomaram o poder e condenaram à morte Robespierre e Saint-Just, líderes dos jacobinos montanheses, terminando com o período do Terror.

O período seguinte, a *Reação Termidoriana*, foi marcado pelo controle político dos girondinos e é denominado de contra-revolução burguesa, porque congelou a aplicação das propostas mais avançadas dos jacobinos, dando poder aos mais ricos.

Durante este período, surgiram os primeiros autores e os políticos dos socialismos utópicos, que se tornaram muito influentes nos séculos seguintes por suas propostas de transformação da sociedade, que eram abrangentes: relações de trabalho, condições de moradia, educação, transporte, saúde, propriedade e relações de gênero.

Tentativas de golpe por realistas e por jacobinos ocorreram nos anos seguintes. Em novembro de 1799, Napoleão Bonaparte, que havia se distinguido como um militar defensor da Revolução contra os invasores, contra-revolucionários e golpistas, tomou o poder, encerrando o período revolucionário e dando início a um outro período na história da França e da Europa.

Atividade:

1. Como era a organização social na França antes da Revolução Francesa?

2. O que desejava o terceiro estado?

3. Explique as divisões na nobreza e as atividades exercidas por cada grupo.

Texto baseado em J.J. Arruda. *Nova História moderna e contemporânea*. Bauru/SP: EDUSC, 2004, p. 183-196.

A influência da Revolução Francesa se espalhou por vários países. No Brasil, a propaganda republicana utilizou os símbolos revolucionários: o barrete frígio, a palavra *cidadão* e a figura representativa da República, uma estátua feminina conhecida como a "Mariane". Quando a República foi proclamada no Brasil em 1889, o tratamento de cidadão se tornou obrigatório, imagens da República foram colocadas em diversos locais e a data de 14 de julho foi definida como feriado nacional.

4. Explique os motivos de 14 de julho ser a data nacional francesa.

5. O que pretendiam os contra-revolucionários franceses?

6. A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão é considerada a maior contribuição da Revolução Francesa. Explique, com suas palavras, qual o seu significado.

7. Compare os direitos adquiridos depois da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão com a situação no regime absolutista monárquico.

8. Explique, com suas palavras, como as leis criadas durante a Revolução Francesa influenciam a sociedade contemporânea.

9. Explique o papel da imprensa durante a Revolução Francesa.

10. O hino nacional francês, “A Marselhesa”, foi criado durante a Revolução. Leia a letra do refrão e explique, com suas palavras, o que entende.

Para saber mais

Leia

Revolução Francesa. *História Viva* – Grandes Temas, ed. especial temática no. 2, 2004.

Albert Soboul. *A Revolução Francesa*. 8ª. ed. São Paulo: Difel, 2003.

Alessandro L. Molon. *Graco Babeuf: o pioneiro do socialismo moderno*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

Alice Gerard. *A Revolução Francesa*. São Paulo: Perspectiva, s.d.

Eric J. Hobsbawm. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Eric J. Hobsbawm. *A Revolução Francesa*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

Jorge Grespan. *Revolução Francesa e Iluminismo*. São Paulo: Contexto, 2003.

Michel Vovelle. *Combates pela Revolução Francesa*. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

Consulte os sites

http://www.terra.com.br/voltaire/especial/home_rev_francesa.htm

<http://www.hystoria.hpg.ig.com.br/revfranc.html>

<http://www.brasil.terravista.pt/praiabrava/2837/page4.html>

<http://www.culturabrasil.pro.br/revolucaofrancesa.htm>

http://www.feranet21.com.br/fatos_historia/fatos/revolucao_francesa.htm

11. O que a imagem abaixo, denominada “Ameça à árvore da liberdade”, sugere para você? Explique.



Fonte: Dorel-Ferré. *Histoire. Les activités d'éveil au Cours Moyen*. Paris: Armand Colin, 1981, p. 105.

<http://members.tripod.com/~netopedia/historia/rfranc.htm>

<http://www.conhecimentosgerais.com.br/historia-geral/revolucao-francesa.html>

<http://orbita.starmedia.com/~revnews/revnews/main.html>

<http://www.usp.br/revistausp/n1/terra.html>

<http://www.ohistoria.dor.hpg.ig.com.br/francesa.htm>

Veja os filmes

Danton, o Processo da Revolução

Casanova e a revolução (A Noite de Varennes)

TERRORISMO NOS SÉCULOS XIX E XX

O especialista inglês, Adam Roberts, professor de Relações Internacionais na Universidade de Oxford, destaca que durante o século XIX o terrorismo sofreu uma profunda transformação: deixou de ser de governo e passou a ser de grupos de oposição a governo.

Cita o exemplo do grupo de revolucionários russos, nos anos de 1878 e 1881, os Narodnaya Volya (a vontade do povo), que propunham o assassinato dos “líderes da opressão” pois as armas que estavam disponíveis – bombas e balas – possibilitavam um ataque com alvo definido e objetivo. Acreditavam que o regime czarista russo contra o qual lutavam estava corrompido e que seus atos levariam à revolução. Assassinararam o Czar Alexandre II em 13 de março de 1881, mas as consequências não foram as que esperavam. Um novo Czar assumiu e o regime monárquico continuou existindo. A repressão foi violenta contra todos os opositores do regime.

Em 28 de junho de 1914, um jovem bósnio, Gavril Princip, assassinou o herdeiro do Império Austro-Húngaro, o arquiduque da Áustria, Francisco Ferdinando, em Sarajevo, o que provocou o início da Primeira Guerra Mundial, um efeito não esperado pelo grupo terrorista nacionalista “Jovem Bósnia”.



Foto do arquiduque Francisco Ferdinando e esposa ao sair da prefeitura de Sarajevo, momentos antes de serem assassinados. (Fonte: Jean Monnier. *Histoire*. Paris: Fernand Nathan, 1974, p. 526)

A difusão da imprensa e o desenvolvimento tecnológico permitem o acompanhamento dos fatos. A fotografia substituiu a gravura e os quadros como forma de difusão.



Foto da prisão de Gavrilo Princip, após o atentado. (Fonte: Jean Monnier. *Histoire*. 1974, p. 527)

PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918), também chamada de Grande Guerra, alterou completamente o equilíbrio econômico e político do continente europeu, que a partir de então passou a ter papel secundário nos negócios mundiais, cedendo espaço para os Estados Unidos da América do Norte.

O sistema de alianças entre os países europeus do último quartel do século XIX, os conflitos econômicos e políticos entre eles, as disputas imperialistas por territórios para serem transformados em colônias e explorados pelas metrópoles, os nacionalismos exaltados, fomentados internamente pelo estado ou por outros países, formaram um conjunto explosivo, que foi detonado pelo assassinato do arquiduque.



A divisão do Mundo durante a I Guerra. (Fonte: *História Viva*, n. 3, jan. 2004, p. 87)

Para saber mais

Leia

1ª. Guerra Mundial, 1914-1918. *Aventuras na História*, no. 1, set. 2004. (Col. Grandes Guerras)

Augustin Wernet. *A Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 1993.

Jayme Brener. *A Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Ática, 1997.

Luiz César B. Rodrigues. *A Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Atual, 2001.

Maria de Lourdes Mônaco Janotti. *A Primeira Guerra Mundial: confronto de imperialismo*. São Paulo: Atual, 1992.

Mario Isnenghi. *História da Primeira Guerra Mundial: século XX*. São Paulo: Ática, 1995.

Consulte os sítios

<http://www.terravista.pt/aguaalto/1098/prmeira.html>

<http://www.vestigios.hpg.ig.com.br/1guerra.htm>

http://www.terra.com.Br/Voltaire/mundo/primeira_guerra.htm

<http://www.brasilecola.com/historiag/primeira-guerra.htm>

Veja os filmes

Glória feita de sangue

A grande ilusão

A ponte de Waterloo

Gallipoli

Nada de novo no front

Leia também

Eric Maria Remarque. *Nada de novo no front*. Porto Alegre: L&PMEd., 2004.

Ernest Hemingway. *Adeus às armas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, s.d.

Pelo sistema de alianças, ficaram de um lado: Alemanha, Império Austro-Húngaro, Império Otomano e Bulgária, chamados de impérios centrais. Do outro: França, Império Britânico, Bélgica, Império Russo, Sérvia, Império Japonês, Itália, Portugal, Romênia, Grécia, Estados Unidos e Brasil, o conjunto dos aliados. A guerra local transformou-se em guerra mundial.

A fase inicial da guerra, em agosto, foi de movimento, mas logo no inverno, em novembro, transformou-se em imobilismo. A estratégia da guerra, em trincheiras, para evitar que o inimigo avançasse e ganhasse terreno, foi responsável pelo período de imobilização, que durou três anos. Por outro lado, a tecnologia foi muito utilizada pelos países que combatiam: canhões, metralhadoras, tanques, aviões, submarinos e armas químicas. Entre os anos de 1914 e 1918 morreram 8 milhões de pessoas, e 20 milhões ficaram inválidas.

A base econômica dos países europeus desequilibrou-se e o domínio econômico dos Estados Unidos da América do Norte, que entrara na guerra ao lado dos ingleses e franceses, tornou-se evidente.

A guerra provocou mudanças políticas no continente europeu. Durante a guerra, o Império Russo deixou de existir: em 1917 ocorreu a Revolução Russa, em duas fases: primeiro, a liberal-burguesa; depois, a socialista. Com a nova configuração, o governo russo retirou suas tropas da frente de batalha. O Império Alemão também desapareceu: em 1918, o imperador Guilherme foi deposto, a república proclamada e o armistício assinado, com o estado alemão reconhecendo a derrota e obrigado a assumir o pagamento de dívidas, que levaram ao desmantelamento de seu parque industrial.

Dois outros impérios foram destruídos: o Império Austro-Húngaro e o Império Otomano.

Texto baseado em J.J. Arruda. *Nova História moderna e contemporânea*. Bauru/SP: EDUSC, 2004, p. 325-339

Atividade:

1. Explique as razões do aposto Grande Guerra, dado à Primeira Guerra Mundial.

2. Que transformações ocorreram no mapa político euro-asiático em decorrência da guerra?

3. Explique, com suas palavras, a relação entre tecnologia e guerra.

4. Relacione a Primeira Guerra Mundial com a história do Brasil.

O RETORNO DO TERRORISMO

Na segunda metade do século XX, depois da Segunda Guerra Mundial, movimentos terroristas surgiram em territórios coloniais, com duplo propósito: o primeiro era pressionar a potência colonial a se retirar, e o segundo, mais sutil, era impressionar a população para apoiar determinados grupos no período pós-colonial, na formação dos estados independentes. Em alguns lugares tiveram sucesso, e não em outros, como na Índia e a Malásia.

O terrorismo não terminou com o final dos impérios europeus nos anos de 1950-1960, quando as colônias africanas e asiáticas se tornaram independentes. Continuou existindo na Europa, na Ásia, no Oriente Médio e na América Latina, em resposta a circunstâncias diversas. As causas defendidas podiam e podem ser revolucionárias, socialistas, nacionalistas e religiosas. Mesmo nos Estados Unidos, existem grupos contra o governo, que formam as chamadas “milícias”, que eventualmente praticam atos terroristas.

Existem nos Estados Unidos diversos grupos que são contrários às atitudes do governo (em todas as instâncias: local, regional, estadual e federal), como: a obrigação de educação mista (racial e sexual) nas escolas públicas; a proibição de comprar armas de grosso calibre, tanques e bazucas, como armas de uso pessoal; a proibição de rezar no início das aulas em respeito às diferenças religiosas; a igualdade das raças (branca, negra e amarela) perante a lei; o sistema de quotas e ações afirmativas para os grupos étnicos minoritários (negros, asiáticos, latino-americanos); o sistema público de saúde e a vacinação obrigatória (contra as doenças epidêmicas, especialmente as infantis) etc.

São denominados “milícias brancas”, “milícias separatistas”, “milícias cristãs”, “milícias racistas” – são grupos para-militares, fundamentalistas cristãos, racistas, próximos da ideologia nazista, defensores da supremacia branca. O governo federal os reprime quando propõem a separação de uma propriedade do território norte-americano, se recusam a pagar os impostos ou a entregar armas de grosso calibre, exclusivas das forças armadas.

Edifício de serviços administrativos federais, destruído por bomba em Oklahoma City, em 19 de abril de 1995, por um norte-americano, Timothy McVeigh, participante de uma milícia branca. Foram mortas 168 pessoas, em vingança pelo ataque do governo federal ao Ramo Davidiano e a Randy Weaver (grupo de milícia e separatista).

Fonte: http://www.reviewjournal.com/lvrj_home/2001/Jun-10-Sun-2001/news/15991943.html

**Para saber mais****Leia**

Terrorismo: a ameaça final. *História: aventuras na História para viajar no tempo*, no. 13, set.2004, p. 50-56.

Os limites históricos do orientalismo. *História viva*, no. 8, jun. 2004, p. 98.

Veja os filmes

Cal – memórias de um terrorista

Em nome do pai

Violência em Belfast

Nova Iorque sitiada

Leia o romance

Azar Nafisi. *Lendo Lolita em Teerã*. São Paulo: A Girafa, 2004.

A partir de 1970, no Oriente Médio, as ações terroristas foram se ampliando, no conflito israelense-palestino, com crescente grau de violência. Segundo especialistas, um novo componente foi somado: o extremismo religioso.

Depois de 1990, um novo tipo de terrorismo surgiu liderado por Osama Bin Laden, que inclui o extremismo religioso, o desprezo pelos regimes existentes nos países árabes, a hostilidade aos Estados Unidos e a insensibilidade diante dos efeitos dos atos terroristas. É um tipo diferente de terrorismo, pois possui uma causa, uma rede de apoio, mas não está localizado em nenhum estado. Seus membros não se importam em cometer suicídio.

Existem dificuldades políticas e legais para o estabelecimento de uma legislação comum contra o terrorismo. Muitas vezes, o título foi empregado contra grupos de oposição política, que recorrem a atos de violência para manifestação de suas posições: o ETA na Espanha, o IRA na Irlanda do Norte, o Viet Cong no Vietnã etc. Ou mesmo quando não a praticam sistematicamente: foi o que ocorreu em 1987, quando o Partido do Congresso Africano da África do Sul foi classificado com terrorista pelo governo sul-africano, pelo Reino Unido e pelos Estados Unidos.

UMA VERSÃO DIFERENTE

O especialista S. Sayyid, professor na Universidade de Salford (Reino Unido), assinala outros aspectos, destacando que desde a fragmentação do Império Otomano, decorrente da derrota na Primeira Guerra Mundial – em Turquia, Iraque, Israel/Palestina, Líbano, Jordânia, Síria e partes da Arábia Saudita – não há uma liderança islâmica em termos geopolíticos, culturais e ideológicos.

As tentativas americanas e européias de controlar a região, usando países como Irã, Arábia Saudita ou Egito, apresentam o problema que os governantes dessas áreas nem sempre atendem aos interesses dos governados. As elites dirigentes agem de forma coercitiva e violenta para manter seu poder, perdendo legitimidade diante da população. Os grupos políticos novos que se formam, tentando alterar as formas de governo, são duramente reprimidos, com prisões e mortes.

Os políticos na região são apoiados quando conveniente para as potências ocidentais, e derrubados quando inconvenientes – situação de Saddam Hussein.

O processo de globalização torna mais difícil a convivência com as contradições, como a de ser democrático em casa e tirânico no exterior, caso característico das potências ocidentais, pelo nível de informação que é corrente nos veículos de comunicação de massa.

O professor considera ainda o conflito entre o Ocidente e o Mundo Islâmico como um conflito cultural. O Ocidente se considera democrático, moderno e civilizado, e vê o outro, o Islã, como autoritário, tradicional e bárbaro – uma ameaça que deve ser destruída (física, política e culturalmente). As visões ocidentais, em seu entender, são muito questionáveis e intercambiáveis, dependendo de que lugar fala o observador.

Lembra que a Europa, historicamente, se formou contra o Mundo Islâmico. Portanto, o que a visão ocidental define como o correto para o mundo (laicização, modernização, individualismo) pode não atender às necessidades do Islã, pois lhe é contrária por natureza e formação. Para o autor, há a necessidade de desenvolver uma visão que atenda às necessidades atuais das sociedades islâmicas, mas que não reproduza os preconceitos ocidentais. Muçulma-

Texto baseado em Adams Roberts, *As faces mutáveis do terrorismo*, de 27 de agosto de 2002, publicado em http://www.bbc.co.uk/history/war/sept_11/build_up_01.shtml

nos, em seu entender, estão na situação em que a narrativa do que deve ser o mundo, a dominante, a ocidental, é considerada a não adequada, mas que ainda não conseguiram desenvolver plenamente a narrativa islâmica, que atenda às necessidades do mundo islâmico.

Atividade:

1. Explique, com suas palavras, o que entende por terrorismo internacional.

2. Explique, com suas palavras, o terrorismo interno nos Estados Unidos.

3. Compare as propostas da Revolução Francesa com as que você conhece da sociedade brasileira.

4. Compare o que conhece sobre os países do mundo atual com as propostas da Revolução Francesa.

5. Leia os textos dos dois especialistas das universidades inglesas sobre o terrorismo atual e estabeleça as igualdades e diferenças entre eles

Igualdades

Diferenças

Resumo baseado em S. Sayyid. Cruzadas e Jihads em tempos pós-coloniais, de 01 set. 2002, publicado em http://www.bbc.co.uk/history/war/sept_11/build_up_01.shtml)

6. Reflita sobre as informações que obteve neste módulo e faça um breve resumo da situação dos conflitos políticos no momento atual.

7. Esta é uma atividade optativa. Escolha a sua forma de expressão preferida (prosa, poesia, visual, auditiva ou corporal), selecione um aspecto desenvolvido no módulo e faça a sua versão dele.

Bibliografia

Albert Soboul. *A Revolução Francesa*. 8ª. ed. São Paulo: Difel, 2003.

Eric J. Hobsbawm. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Eric J. Hobsbawm. *A Revolução Francesa*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

Eric J. Hobsbawm. *Era dos extremos – o breve século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

John Keegan. *História ilustrada da Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Ediouro, 2003.

Marc Ferro. *A Grande Guerra*. Lisboa: Ed. 70, 2002.

Michel Vovelle. *Combates pela Revolução Francesa*. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

Sobre as autoras

Kátia Maria Abud

Doutora em História Social, é professora de Metodologia do Ensino de História na Faculdade de Educação da USP, onde participa do programa de Pós-Graduação em Educação.

Raquel Glezer

Professora titular do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, onde é professora de Teoria da História. É também professora nos programas de Pós-Graduação em História Social e História Econômica.